relvado
EDIÇÃO #1 - FEVEREIRO 2018

O LADO SUJO DA COPA

NEM SÓ DE CRAQUES, GOLS E FESTA VIVE O MAIOR TORNEIO DO MUNDO

CARTEL DE CALI
INTERFERÊNCIA EM DUAS COPAS

GARRINCHA
O "PLANO MANÉ" NA FINAL DE 62

ARGENTINA '78
O GOVERNO POR TRÁS DA CORTINA

Expediente

Felipe Portes
Jessica Miranda
Murillo Moret
Nayara Perone
Wladimir Dias

Revisão e Redação
Felipe Portes, Jessica Miranda,
Murillo Moret e Wladimir Dias

Arte e ilustrações
Felipe Portes e Nayara Perone

Diagramação
Felipe Portes

Fotos stock
Pexels

Obrigado

Vitor Luís Camargo
Luís Araújo
Victor Hugo Gamba
Pedro Reinert
Pedro Gambera
Leandro Iamin
Thiago Rocha
Victoria Bevilacqua
Enio Vermelho Jr
Fagner Morais
Bruno José Rodrigues
Bruno Rodrigues (Futebol Café)
Leandro Stein e equipe Trivela
Rafael Oliveira...

...e a todos vocês que estão lendo.

Pontapé inicial

É ano de Copa do Mundo, felizmente. Esperamos quatro anos como quem espera um oásis de alegria e momentos inesquecíveis.

Quem acompanha o futebol desde criança, sabe que esse torneio, que une países, atletas e culturas diversos em uma só batida, é o período mais tenro desse ciclo que se renova quadrienalmente.

Porém, as mudanças não ocorrem somente nos atores: cada um de nós é um ser vivo diferente a cada edição. Sendo a Copa uma festa tão democrática e especial, quantas histórias incríveis não foram escritas desde 1930, quando a primeira de muitas edições teve seu pontapé inicial no Uruguai?

A fantasia, a superação e os heróis de carne e osso coloriram páginas inesquecíveis desde os tempos em que a comunicação se restringia ao preto e branco. É mesmo uma pena que os livros de História não tratem a competição e o próprio futebol como fato social.

Nem tudo são flores, porém. Como tudo na vida, o Mundial também teve seus recortes obscuros. Não é preciso fazer uma pesquisa aprofundada para encontrar indícios e provas de que a Fifa, no alto da gerência e organização do torneio, se meteu até o nariz em episódios de corrupção.

Ainda assim, quem dera se esse fosse o único ponto negativo. Casos de violência, manipulação, má-fé e outros desvios morais mancharam a imagem da competição.

Por outro lado, como diria Diego Maradona: "la pelota no se mancha". E o futebol segue apaixonante, apesar desses crimes contra a sua essência. Na primeira edição da Relvado, procuramos trazer histórias curiosas e que influenciaram na relação de determinados países com o esporte. Seria muito fácil selecionar seis ou sete pautas positivas, enaltecendo a Copa do Mundo ou os seus grandes protagonistas.

Entretanto, algumas questões são esquecidas pela História: as muitas testemunhas diretas já não estão mais entre nós e, por isso, perdemos contato com os acontecimentos. Assim, as narrativas merecem ganhar holofotes e precisam passar por um escrutínio verdadeiro.

E nós gostamos de desafios. O primeiro deles, é claro, é o de emplacar uma revista sobre futebol em um meio saturado, utilizando um expediente reduzido e projetando pequenos passos rumo ao impresso. Mas nos propusemos a entregar uma outra experiência aos leitores.

Trata-se de algo que vai além de paixões e placares, é mais que sentir e informar, é também entreter e envolver. Nosso cartão de visitas é esse: buscar uma linha interessante e menosprezada por outros grandes veículos do ramo.

Como teria dito Bill Shankly, lá nos anos 60, o futebol é mais do que uma questão de vida ou morte e, nesse sentido, há muito dele que não foi ou é mal explorado. E sabemos que existe interesse pelas facetas menos divulgadas.

O desafio é grande e pavimentar um caminho não será fácil. Contudo, o que é a vida sem as boas histórias? Nós, da Relvado, acreditamos no papel delas e, enquanto houver futebol, haverá o que contar.

Índice

À caça de Pelé, 6
As táticas violentas que tiraram Pelé e o Brasil da Copa de 1966

Uma expulsão em suspenso, 10
Como a expulsão de Garrincha foi ignorada para a final de 1962

De Yashin a Akinfeev, 16
Quem foram os sucessores do Aranha Negra da história no gol russo?

Poder, sangue e o jogo fantasma, 20
Quando militares do Chile e da URSS se apropriaram do futebol

A Copa dos que não foram, 28
A história de Fausto e Heleno, boêmios que nunca foram a uma Copa

Fábrica de atletas, 32
Como o futebol russo foi afetado pelos escândalos de doping no país

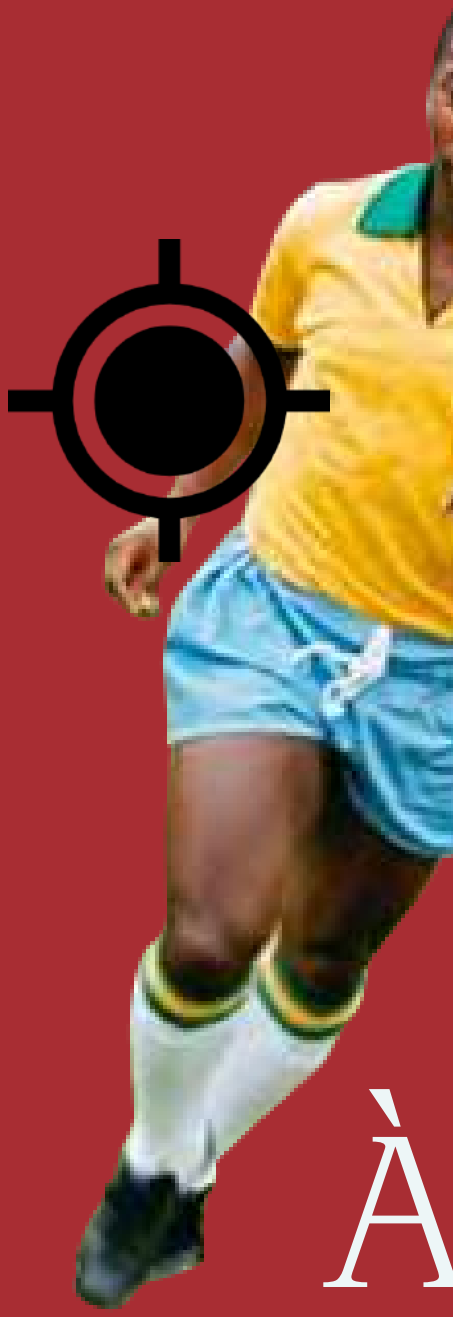
Argentina '78 e suas tramas obscuras, 40
A mão pesada do governo empurrou os anfitriões ao título

O cartel que conta a história de duas Copas, 44
Traficantes participaram indiretamente da trama em 1978 e 86

Inglaterra '66: Geopolítica e futebol, 52
Disputas geopolíticas foram o plano de fundo do Mundial em 1966

Money for nothing, 58
Os problemas financeiros atrapalharam os africanos em Copas

Questões nacionais, 66
Os principais atletas naturalizados a participar do torneio



À

As

A CAÇA DE PELÉ

táticas violentas que anularam Pelé na primeira fase da Copa do Mundo de 1966

Por Felipe Portes

O Brasil contava com dois títulos mundiais e chegava à Inglaterra para defender seu reinado, na Copa do Mundo de 1966. A campanha, que acabou ainda na primeira fase, foi o primeiro grande vexame de um campeão.

Mas tantos anos depois, o fiasco em busca do tri tem muito mais explicações plausíveis do que uma simples atuação abaixo da média. A começar pela preparação, que foi feita de maneira completamente atrapalhada.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) já havia enriquecido às custas do bicampeonato mundial da Canarinho,mas resolveu encher ainda mais os bolsos e capitalizar mais uma vez com a Seleção, promovendo uma turnê nacional de amistosos com o elenco.

Para agravar a situação desconfortável, a entidade levou 49 jogadores para a excursão, pretendendo obviamente cortar mais da metade antes de definir os 22 que embarcariam para a Inglaterra.

Ninguém sabia ao certo quem iria para o Mundial. Muitos jogadores se frustraram por terem encarado diversas rotinas de treinos e jogos em vão, só para serem cortados às vésperas da disputa. Contou também contra o Brasil o fato de que as grandes estrelas já se encontravam em ocaso.

Com exceção de Pelé, que ainda era muito novo e liderava o Santos em sua conquista mundial, feras como Djalma Santos, Bellini, Orlando, Gylmar, Zito e Garrincha já não exibiam forma tão exuberante quanto nas edições de 1958 e 62 e passavam dos 30 anos de idade.

Manga, o arqueiro titular em 1966, foi muito criticado por falhas na primeira fase. Peças de um mosaico que explica o fracasso. Vicente Feola demorou para decidir quem seriam seus convocados finais e isso prejudicou a tranquilidade do time a caminho da Europa.

Chegando lá, o Brasil não teria moleza nos grupos. Ao lado de Hungria, Bulgária e Portugal, a potência brasileira não botou tanto medo na concorrência.

A disputa não seria tão justa quanto no passado. E a Seleção sentiu isso logo na estreia, diante da Bulgária. Mesmo vencendo por 2 a 0, com gols de Pelé e Garrincha, a partida foi uma mescla de futebol e artes marciais, com diversas patadas vindas dos búlgaros, que entraram em campo com um alvo definido: o camisa 10.

Pelé apanhou até doer e um pouco mais. Carrinhos por trás, coices, empurrões, paulistinhas (ou tostões, dependendo de onde você fala), pontapés e soladas. A caixa de ferramentas búlgara estava aberta e a comissão médica da CBD trabalhou como nunca. Pontos vencidos, Pelé de molho, poupado pelos 90 minutos seguintes.

Na segunda rodada, foi a vez de encarar a Hungria. Longe da magia proporcionada 12 anos antes, mas ainda bastante eficiente, a equipe do leste europeu demonstrou solidez e anulou o Brasil, fazendo 3 a 1 no placar.

Tostão fez o gol de honra canarinho em Goodison Park e os pupilos de Feola teriam de decidir a sobrevivência no torneio contra Portugal.

Diferenças históricas à parte entre os países, os dois times já se conheciam desde o início da década, quando o Santos de Pelé, Zito, Orlando e Gylmar amassou o Benfica de Eusébio e Mário

Coluna. Não se sabe o quanto daquele 5 a 2 em Lisboa influenciou o estado de espírito dos portugueses.

O certo é que eles não estavam para aliviar nenhuma dividida. Com Pelé de volta, mesmo baleado, o Brasil ia para um duelo de vida ou morte. Para morrer.

Novamente em Liverpool, no Goodison Park, a Seleção de Feola encarou um time de futebol com aptidão para a prática de rúgbi. Portugal não se segurou e liberou a agressividade já nos primeiros minutos.

Pelé, claro, foi o mais visado pelos carrinhos e tesouras voadoras aplicadas pelos comandados de Otto Glória. Porque, na cabeça deles, o único jeito de resistir ao Brasil era à base da violência.

Perseguido por onde andasse, o Rei passou muito tempo no chão, esperando as dores aliviarem. Pelo menos naquele dia, elas não cessaram. Sem descanso, o 10 tentava sem sucesso criar o jogo perto da área lusitana, mas esbarrava nas enxadadas cruéis e anti-desportivas dos rivais. Não era mais futebol.

Mancando, como quando deixou os gramados contra a Bulgária, Pelé estava completamente impotente diante da cavalar oposição feita por Portugal.

E se há algo que se pode dizer sobre aquele esquadrão rubro-verde é que eles tinham talento semelhante para jogar um futebol plástico e para punir seus rivais por meio da brutalidade.

O placar foi uma mera lembrança de que houve gols naquele 19 de julho de 1966. Portugal levou a melhor por 3 a 1, graças a Eusébio (autor de dois tentos)

e António Simões. O Pantera Negra superou o Rei e, de quebra, impediu o avanço dos bicampeões.

Ninguém foi expulso. E Pelé foi obrigado a suportar mais pancadas e hematomas, já que ainda não eram permitidas alterações com a bola rolando.

Parece difícil acreditar, mas Pelé não sangrou em Goodison Park. Ataduras e faixas para reforçar a proteção não amaciaram os duros golpes dados pela legião portuguesa.

O Brasil deixava a Inglaterra da pior forma possível: humilhado pelos resultados ruins e machucado física e mentalmente.

POR WLADIMIR

EXPULSÃO EM SUSPENS

COMO A CBD DRIBLOU AS REGRAS PARA TER GARRINCHA NA FINAL D

Em 1962, quando o Brasil viajou ao Chile, já não era apenas uma seleção talentosa sob a qual pendia um incômodo paradoxo. Não se dizia mais que de nada importava o espetáculo em meio à certeza de que, na hora H, viria o fracasso.

Mas aquele time não era mais o herói vencido no Maracanazo. Conquistara, em 1958, o status de campeão mundial. Aquele foi o Mundial de Didi. Quatro anos mais tarde, após o insucesso no Real Madrid, o Folha Seca já não tinha a mesma forma.

Com 21 para 22 anos, um recorde já respeitável com a Canarinho e às vésperas de se tornar campeão continental, era Pelé a sensação e esperança. Porém, a história foi escrita por linhas, e pernas, tortas.

A traição do corpo

Todo o mundo sabia: o camisa 10 brasileiro era um fenômeno. O Rei só seria coroado como tal em 1970, mas na Copa do Mundo do Chile já era uma espécie de príncipe. Assim, era natural que suas canelas se transformassem em alvos dos rivais brasileiros.

Pelé era safo. Conhecia a arte de apanhar e sabia revidar. Quando seus algozes eram simples mortais, virava-se muito bem. Os mais brutos adversários nunca conseguiram tirá-lo dos campos por muito tempo; nenhum exemplar de Andoni Goikoetxea, lembrado como o Açougueiro de Bilbao, foi suficiente eficaz na missão de parar o craque.

Contudo, sua qualidade enquanto rei não o tornou imune às limitações do corpo humano. Esse, sim, se revelou um adversário poderoso demais e contra o qual não havia o que fazer, senão dar tempo ao tempo. Pelé jogou a estreia do Mundial e mostrou que tudo o que se esperava era real e não devia ser duvidado. Contra o México, fez o cruzamento que resultou no gol de Zagallo, abrindo o marcador, e, após passar por uma série de mexicanos, concluiu de canhota, anotando o segundo e final tento daquela tarde em Viña del Mar.

Corria tudo como planejado às vésperas da partida contra a Tchecoslováquia, o segundo desafio verde-amarelo. Foi aí que aconteceu a inesperada traição. O corpo provou que até aos jovens ele pode vir a falhar.

Após outro chute de perna esquerda, sentiu a dor de um fim: estirou a virilha. Por mais que não se tenham medido esforços para que Pelé voltasse aos gramados chilenos, nenhum sucesso foi obtido. Do lado de fora, acabou voltando a ser Édson, um ilustre torcedor.

O desespero nacional era justificável, afinal, como o jornalista Armando Nogueira profetizaria, "se Pelé não tivesse nascido homem, teria nascido bola". Ele era mesmo espetacular e insubstituível. Porém, o Brasil acabou se encontrando mesmo sem seu 10.

Amarildo, o Possesso, fez um Mundial soberbo. Conforme o próprio repetiria no correr dos anos, o entrosamento que trazia do Botafogo com figuras como Nílton Santos, Didi, Garrincha e Zagallo bastou para que seu encaixe fosse fácil.

Todavia, faltava alguém para colocar a bola debaixo do braço e se assumir como estrela, uma pessoa para chamar a bola de sua. Se existia alguém que, enquanto atleta, estava em condição

oposta à de Pelé, esse era Garrincha. Pelé tinha tudo: era fisicamente bem composto, objetivo, tinha uma postura altiva e uma presença imponente. Sabia ser a referência, tinha a capacidade de liderar tecnicamente suas equipes. Era o herói perfeito.

Por outro lado, à exemplo do que o jornalista e escritor Ruy Castro revelou em sua biografia de Garrincha, ele era uma estrela solitária. Mané era um mero encurtamento de seu nome, Manuel, mas calhou bem ao personagem, ajudou a construir a identidade do maior anti-herói a pisar em um campo de futebol brasileiro.

As pernas tortas, o jogo muitas vezes descompromissado, os dribles e a capacidade de desconcertar adversários e encantar arquibancadas, tornaram o camisa 7 um mito — assim como sua trajetória fora deles.

No entanto, um capítulo fundamental em sua caminhada acabou sendo escrito no Chile, diante da adversidade. Se Pelé era um garoto, Zagallo e Didi já eram veteranos.

Por sua vez, Amarildo era um reserva alçado à titularidade em razão da necessidade. Só havia um candidato possível para a missão de ser a estrela da Canarinho. Tinha de ser Garrincha, que, aos 28 anos, vivia o pico máximo de seus talentos.

A reação à lesão de Pelé precisava ser rápida, pois o jogo em que lesionou terminou em um empate sem gols. Um resultado adverso contra a Espanha poderia carimbar o passaporte brasileiro de volta para casa. Para evitar isso, a comissão técnica tomou todos os cuidados para que o remédio à saída de seu 10 fizesse rápido efeito. Amarildo foi às redes duas vezes e o Brasil venceu os espanhóis por 2 a 1 — não sem as marcas do *jeitinho* brasileiro.

Quando a contagem apontava 1 a 0 para os europeus, Nilton Santos derrubou o atacante Enrique Collar dentro da área brasileira. Contudo, malandramente, deu dois passos para fora do local, tática que o árbitro do encontro não notou, apitando falta, que não rendeu maiores consequências à Canarinho.

O torneio do Mané

Se foi Amarildo quem ajudou o Brasil a dar uma resposta rápida à lesão de Pelé, coube a Garrincha levar a seleção adiante. Nas quartas de finais, contra uma Inglaterra que já trazia consigo os dois Bobby, Moore e Charlton, o Mané colocou os gentlemen no bolso, anotando dois tentos. Vavá completou o score, 3 a 1.

Na semifinal, contra os donos da casa, era aguardada uma partida casca grossa. Os anfitriões já tinham protagonizado uma das maiores vergonhas da história dos Mundiais.

Contra a Itália, em meio a um contexto conturbado, acabaram lembrados como personagens da Batalha de Santiago, ou, simplesmente, um dos jogos mais violentos de todos os tempos.

O Brasil que já perdera Pelé, lesionado, não poderia se dar ao luxo de ficar sem mais ninguém. Era necessário se acercar de que novos problemas físicos não viessem e que os nervos permanecessem em seus devidos lugares — e, claro, era preciso vencer o jogo. Com relação a essa parte final, o duelo foi tranquilo. Já aos nove minutos, Garrincha mostrou toda a sua categoria, com um

chute potente, de canhota, colocando o Brasil em vantagem. Aos 32, usou a cabeça e ampliou. De falta, os chilenos diminuíram, mas logo Vavá reanimou a Canarinho, novamente em cabeceio. O 3 a 1 virou 3 a 2 em cobrança de pênalti, mas Vavá chegou ao seu segundo gol e deu números finais ao encontro: 4 a 2.

Mesmo sem Pelé, o Brasil chegou a sua terceira final de Copa do Mundo. Porém, antes de o apito final ser assoprado pelo peruano Arturo Yamasaki Maldonado, o Mané mostrou porque nunca poderia ser um herói. Heróis são bravos e, acima de tudo, mantém a compostura diante das adversidades. Com o camisa 7 foi diferente.

Em resposta às esperadas provocações e pancadas, Garrincha revidou ao final do encontro. Foi um chutezinho sem violência, mas que teve consequências. Foi expulso, mas acabou não sendo suspenso.

Valia tudo para ver Mané

Se ficar sem Pelé já havia sido um golpe muito duro, a eventual ausência de Garrincha poderia ser fatal, tanto pelo lado técnico quanto pela confiança que ele dava ao time.

Considerando, também, que o jogador só reagiu após 83 minutos de provocações, o governo brasileiro entendeu que era inaceitável a possibilidade de não contar com o astro na final.

E, bem, isso era possível, já que o regulamento de 1962 não previa a suspensão automática, mas um julgamento, para avaliar a gravidade da conduta, que, sim, poderia conduzir à suspensão. Como o futebol, e o esporte em geral, sempre foi visto como um instrumento de pacificação social, governantes de todos os tempos sempre o exploraram. O presidente brasileiro da época, João Goulart, não relegaria ao desamparo alguém que vinha trazendo tanta alegria às feições tupiniquins.

Começou, então, uma força-tarefa, liderada operacionalmente pelo primeiro-ministro Tancredo Neves, por meio de cartas. Até mesmo o presidente chileno, Jorge Alessandri, teria participado das negociações, uma vez que Garrincha era a alegria do jogo... e o jogo era disputado em seu país.

Não teriam sido apenas os apelos políticos os participantes da tabelinha que culminaria no gol daquele momento — a absolvição do Mané. Anos mais tarde, o ex-árbitro Olten Ayres, o substituto da ocasião, acusou o auxiliar uruguaio Esteban Marino, quem, de fato, notou a agressão, de receber dinheiro para não depor no julgamento do camisa 7 brasileiro.

Na versão de Ayres, Marino teria recebido 10 mil dólares para "sumir". E a responsável pelo pagamento teria sido a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a antecessora da CBF.

Embora os relatos da época não apontem intenção de agredir da parte de Garrincha, o fato é que não foram medidos esforços para garantir que o astro abrilhantasse os campos chilenos na final. Em algum momento, tais estratégias podem ter roçado questões morais (ou não).

Bem ou mal, por cinco votos a dois, o Manuel, que virou Mané, foi liberado para se tornar o primeiro nome em que se pensa quando se faz referência à Copa do Mundo de 1962. O jornalista

Argeu Affonso relatou a sua versão conhecida em reportagem do SporTV: "*A realidade que ficou é que o Esteban Marino sumiu. Parecia história da Agatha Christie. Ele foi a Agatha Christie do futebol. Sumiu de repente e ninguém soube dele*".

O prêmio final

Em 17 de junho de 1962, Brasil e Tchecoslováquia subiram ao campo para fazer o tira-teima do fatídico empate da Fase de Grupos. O astro tcheco de então e futuro vencedor do Ballon d'Or, o atacante Josef Masopust, ainda não marcara nenhuma vez no Mundial. Rapidamente, porém, cuidou disso.

Aos 15 minutos, o médio-apoiador, como narrou a Rede Globo, se infiltrou na retaguarda brasileira, recebeu passe primoroso e deixou o goleiro Gilmar sem ter o que fazer.

Mas a alegria tcheca não durou muito, porque Amarildo, que nessa altura já não era apenas o substituto de Pelé, empatou o encontro dois minutos depois, em um chute sem ângulo e de rara felicidade. Depois, Zito começou uma jogada, passou a bola ao Possesso e correu para a área para concluir e colocar o Brasil em vantagem, quando já eram decorridos 69 minutos de partida. Nove deles mais tarde, foi a vez de Vavá dar números consolidados à final. A taça Jules Rimet voltou ao Brasil em 1962.

Ironicamente, Garrincha não teve participação decisiva nos gols brasileiros daquela tarde de Santiago. Após tudo o que foi feito para garantir sua presença na decisão, o Mané foi apenas mais um no momento crucial. Na hora de ser herói, ficou na sua e não havia nada de que se pudesse reclamar, depois da miséria a que seus pés e pernas, únicos, condenaram seus marcadores.

Durante a competição, o jornal local *El Mercúrio* fez uma pergunta que parecia pertinente então: "*Garrincha, de que planeta vienes?*". A resposta, hoje, é fácil de se entregar: da Terra.

"*Quando Pelé saiu definitivamente da Copa, machucado, tive de fazer de tudo um pouco: driblar, jogar bola rasteira, jogar de cabeça. Até gol de cabeça eu fiz. Nunca tinha feito gol com o pé esquerdo. Pois fiz um. Naquele campeonato tudo pegava bem comigo. Até expulsão*", disse certa vez Garrincha, em palavras reproduzidas pela revista *Placar*, em 1983, ao prestar homenagens após sua morte.

Sem mais dribles

A ironia maior, no entanto, é pensar que o mesmo destino que sua habilidade deu aos seus adversários acabou o sentenciando. O fim da vida de Garrincha foi precoce, indigno de um jogador de sua estirpe, e marcado pelos vícios do homem. Apesar de tudo, foi condizente com o perfil do craque.

Garrincha não nasceu para ser perfeito e sim para ser humano; já que não podia ser rei, bastou-lhe ser Mané. A absolvição de 1962, da maneira como se deu, acabou sendo só mais um capítulo, suspeito e mal explicado, da trajetória do mais famoso anti-herói do futebol brasileiro.

As pernas tortas que tantas alegrias deram ao Brasil jamais poderiam deixar de fazer troça com uma das histórias mais controversas dos Mundiais.

CCCP

De Yashin a Akinfeev

Uma linha do tempo entre o maior goleiro de todos e seu último herdeiro debaixo das traves russas

Por Felipe Portes

Yashin, o pioneiro

O futebol soviético teve bons nomes na posição de goleiro antes dos anos 1950. Há nessa função, no entanto, um divisor de águas que mudou para sempre a vida de seus colegas.

Nascido em Moscou, Lev Yashin entrou para a história como o arqueiro mais fascinante entre todos os seus antecessores e descendentes. O Aranha Negra, como era conhecido, reinventou a posição e é aclamado como uma verdadeira lenda.

O maior goleiro da história, que atuou entre 1954 e 1970 pela seleção, virou nome de premiação em Copas do Mundo e também do novo estádio do Dynamo Moscou, único clube em sua carreira, tanto pelo hóquei quanto pelo futebol.

O abaixar das cortinas, em 1970, após três Mundiais e um título da Eurocopa como titular, encerrou vinte anos de trajetória de um gigante do ofício.

Entre as principais características de jogo de Yashin, estão a mobilidade, os reflexos apurados, o alto número de pênaltis defendidos — mais de 150, os dados são imprecisos — e a tendência a sair da pequena área para disputar a bola com adversários, muitas vezes fazendo o papel de zagueiro. E coordenava a sua defesa como poucos; um pioneiro na liderança dos goleiros.

Quando a União Soviética se viu em plena despedida de seu filho mais ilustre no futebol, muitos foram os candidatos a ocupar a vaga de camisa 1, como legítimos herdeiros do Aranha Negra. Seria o talento de Lev um ponto fora da curva, ou existiria uma escola de formação de grandes goleiros nos países soviéticos?

Nesse quesito, nenhuma outra escola se iguala à alemã, que sempre teve bons nomes a desfilar em competições de grande calibre. A busca soviética por um novo Yashin foi longa.

O primeiro candidato à sucessão de Yashin foi Anzor Kavazashvili, nascido em Batumi, hoje território da Geórgia, que se lançou ao desafio na Copa do Mundo de 1970. O goleiro do Spartak Moscou foi o titular, usando o bizarro número 2.

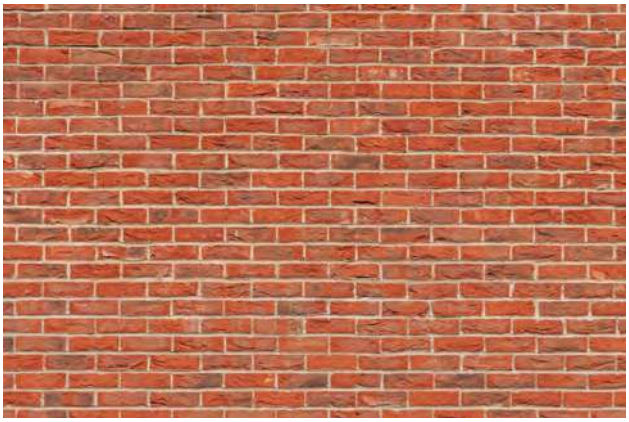
A carreira de Kavazashvili, que já tinha 30 anos de idade, se estendeu apenas até 1972, abrindo novamente a disputa pela titularidade na seleção. Na Eurocopa de 1972, torneio seguinte à Copa no México, a União Soviética lutou bravamente até a final, contando com Yevhen Rudakov, do Dynamo Kiev, de 30 anos.

A União Soviética só voltou a figurar em um torneio internacional em 1982, na Copa do Mundo, por conta do boicote

em 1974 e a sua não classificação para o Mundial da Argentina.

Até 1976, Rudakov permaneceu como o grande nome na posição. Quando saiu de cena, foi a hora de Vladimir Astapovsky, do CSKA Moscou, que disputou as Eliminatórias para a Copa de 1978, revezando o posto com Yuri Degtyarev, do Shakhtar. Ambos fizeram duas partidas. Ninguém estava consolidado e a vaga podia ser considerada como aberta.

Após o fiasco de 1978, Nikolai Gontar teve sua chance. Assim como Yashin, ele defendia o Dynamo Moscou durante seu auge. Entretanto, Gontar também durou pouco. Jogou alguns amistosos e partidas nas Eliminatórias para a Eurocopa de 1980.



A Era Dasaev

O que nos leva ao nome do inesquecível Rinat Dasaev. Nascido em Astrakhan, em 1957, o arqueiro estreou aos 22 anos na seleção, em jogo contra a Grécia, pelas Eliminatórias da Euro 1980. E só saiu muito tempo depois, em 1990, após a Copa do Mundo na Itália.

Dasaev estourou com a camisa do Volgar Astrakhan e foi parar no potente Spartak Moscou, conseguindo dois títulos da Liga Soviética. A carreira do arqueiro pela URSS valeria um capítulo à parte.

Presente em três Copas do Mundo como titular, além da final da Eurocopa em 1988, contra a Holanda, foi considerado pelo IFFHS como o melhor goleiro do mundo no ano em que esteve tão perto de levar a sua nação ao bicampeonato europeu.

Dasaev teve muitos méritos em sua carreira, além, claro, do fato de ter durado tanto tempo quanto o seu grande ídolo na profissão.

Lembrado como A Cortina de Ferro ou O Gato, em virtude de seus reflexos apurados, Rinat também era exímio pegador de pênaltis.

É possível ver vários de seus jogos antigos, na íntegra, com um pouquinho de procura. Nesse ponto, Dasaev é um ídolo mais realista do que Yashin, que tem histórico assombroso, mas reside muito mais no campo das lendas do que necessariamente de quem o viu jogar.

Depois da fantástica Eurocopa, Dasaev assinou com o Sevilla, clube que defendeu até 1991, ano de sua aposentadoria. O seu ciclo se encerrava como uma alegoria às grandes mudanças que a própria União Soviética vivia, se dissolvendo.

Veio então outro representante do Dynamo Moscou na linhagem: Dmitri Kharine, que ainda teve passagens por CSKA Moscou, Chelsea e Celtic.

A nova Rússia

Kharine teve boa sequência, passando pela Eurocopa de 1992, pela Copa do

Mundo de 1994 — sofrendo um gol de Roger Milla, o mais velho a marcar em Copas, aos 42 anos — e pela Euro 1996. O arqueiro, capitão da seleção, saiu de cena apenas durante as eliminatórias para a Copa da França.

A linha do tempo seguiu com Sergei Ovchinnikov, passou por Ruslan Nigmatullin no Mundial de 2002 e chegou em Vyacheslav Malafeev na Eurocopa de 2004.

Naquele torneio em especial, o terceiro goleiro da convocação ganhava experiência depois de um início excelente de carreira.

O prodígio do CSKA

No seu segundo ano como profissional, aos 18 anos, Igor Akinfeev se tornava um sério candidato à meta russa. Akinfeev não teve a maioria dos problemas que um goleiro jovem apresenta.

Seguro, ágil e capaz de defesas acrobáticas, logo foi comparado aos dois lendários arqueiros que defenderam a URSS: Yashin e Dasaev.

Desde a sua consolidação, em 2005, o goleiro só não jogou a Euro 2012 pela Rússia, quando ficou na reserva de Malafeev. Especialmente na virada para a última década, Akinfeev foi criticado por falhas grotescas, como a contra a Coreia do Sul na Copa de 2014.

Começava ali a se espalhar uma mancha enorme no currículo do goleiro, que mesmo sendo excelente em competições domésticas, possui uma coleção numerosa de erros e frangos inapeláveis. Há no Youtube até mesmo um compilado de mais de 10 minutos com situações bizarras envolvendo o ídolo do CSKA.

Aos 31 anos de idade, Akinfeev conta com seis títulos russos e um da Copa Uefa. Soma mais de 220 partidas sem levar gols, ultrapassando até mesmo a marca de Dasaev — Yashin, mais seguro, acumula 270 jogos sem ser vazado e não deve ser alcançado tão cedo.

O que preocupa os russos, no caso de seu atual goleiro, é a reincidência de erros banais e de dificuldades de coordenação motora.

Akinfeev pode ficar tranquilo na posição de herdeiro genuíno de um trono que já foi ocupado por Yashin e Dasaev? Há quem diga que, à parte das trapalhadas, ele ainda é o melhor do país.

A teoria de uma escola qualificada de goleiros russos, no entanto, não se sustenta.

Desde a despedida de Yashin, se passaram 48 anos e apenas um de seus sucessores demonstrou excelência na função. Muito pouco para quem já teve o melhor de todos.

Poder,

sangue e o jogo fantasma

O futebol como instrumento político de Chile e URSS

Por Jessica Miranda

Futebol: Cíclico

A história nos permite revisitar e interpretar de modo diferente jogos que outrora pareciam comuns. Como país-sede, em 1962, o Chile foi impulsionado por sua torcida, alcançando sua melhor campanha: a semifinal, após vencer a então campeã europeia, União Soviética, por 2 a 1.

Ninguém imaginaria que, 11 anos depois, outro jogo entre Chile e URSS poderia representar tanto. Para as Eliminatórias da Copa de 1974, Alemanha Ocidental e Brasil, país-sede e último campeão, estavam automaticamente classificados, restando 8.5 e 2.5 vagas para suas respectivas federações.

O líder do grupo nove europeu enfrentaria o líder do grupo 3 sul-americano. Assim, URSS e Chile deveriam disputar, em duas partidas, uma vaga para o Mundial. O primeiro jogo aconteceu em Moscou. De acordo com o lendário zagueiro Elías Figueroa, em entrevista à BBC Brasil, a sua seleção foi amplamente dominada pelos russos.

Mas a sorte e a conivência do árbitro de então, brasileiro, com as entradas ríspidas chilenas impediram o placar de sair do zero. A vaga seria decidida em Santiago. E então tudo mudou.

Em resumo, a URSS se recusou a entrar em campo. Aliás, nem deixaram o solo europeu. O que se viu, com anuência e benção da organização máxima do futebol, a Fifa, foi um jogo fantasma, uma formalidade vexatória.

A seleção chilena entrou em campo sem adversário para enfrentar. Precisou tocar a bola a passos lentos até que, finalmente, alguém a fizesse cruzar a linha do gol, para que o árbitro pudesse apitar o término do (des)encontro.

O Chile, então, foi à Alemanha. Perdeu os dois primeiros jogos e ficou em zero com uma Austrália repleta de imigrantes iugoslavos e britânicos, na primeira participação em mundiais dos Socceroos, com tempo ainda para protestos chilenos contra a ditadura militar de Augusto Pinochet.

Quarenta anos depois, novamente Chile e Austrália se enfrentaram pela fase de grupos em uma Copa, com uma vitória tranquila dos sul-americanos, em Cuiabá.

Neste ínterim, o que se destaca é a mudança de postura da Federação Chilena de Futebol — consequência óbvia da redemocratização do país.

Durante a jornada da Roja nas eliminatórias para o Mundial do Brasil, quis o destino que um dos jogos em casa fosse agendado para um fatídico 11 de setembro, data do golpe de Estado que resultou na morte do presidente em exercício, Salvador Allende, e a ascensão de Pinochet ao poder.

A Fifa não atendeu o pedido de mudança de data, mas ao menos permitiu a troca da partida contra a Colômbia para outro estádio que não o Nacional de Santiago, onde dezenas de milhares de pessoas, contrárias ao regime, foram detidas, torturadas e mortas. Jogando no Monumental David Arellano, estádio do Colo-Colo, os andinos perderam por 3 a 1.

O resultado adverso pouco afetou o povo chileno, decerto mais contente pelo reconhecimento das atrocidades do passado e a não conivência moderna,

pois como se lê gravado no Estádio Nacional, "um povo sem memória é um povo sem futuro".

A bola na URSS

Aqui não se trata de maniqueísmo. A URSS não é a mocinha à mercê do bandido Chile. Quando a União Soviética foi estabelecida, em 1922, o futebol na Rússia já era difundido e adorado, principalmente por oferecer diversão em um país em profunda mudança estrutural, devido ao processo de urbanização crescente.

Como uma forma de aproximar os jovens trabalhadores de diferentes origens, o governo socialista — assim como feito por Adolf Hitler, Benito Mussolini, Pinochet e outros comandantes — não tardou a demonstrar interesse no esporte, estatizando o futebol. E então, clubes foram criados como forma de propagação das ideologias. Eram os Dínamos — poder em movimento, em grego —, administrados pela Polícia Secreta.

Não é de se estranhar, assim, que estivessem presentes nas principais cidades da República, como Moscou, Kiev, Tbilisi e São Petersburgo, por exemplo. Na capital russa ainda havia o CDSA, futuro CSKA, controlado pelo exército soviético.

Numa tentativa de contraposição aos times do governo, alguns clubes surgiram e outros foram modificados para representar, de certa forma, o povo operário, através do apoio das indústrias de diferentes ramos, como o Spartak (alimentícia) e o Torpedo (ZiL, automotora). Justamente o Spartak causou um estardalhaço ao competir em pé de igualdade com o Dínamo de Moscou, principalmente durante os primeiros anos do Campeonato Soviético, criado em 1936.

O sucesso do Spartak se deu pela administração dos irmãos Starostin, em especial o presidente Nikolai, cuja gestão conquistou os corações da maioria dos moscovitas.

Este destaque do Time do Povo, porém, não passaria em vão ao governo. Sob uma vaga, e juridicamente frágil, acusação de terem elaborado um plano para assassinar o chefe da União Soviética à época, Josef Stalin, durante uma partida, a família Starostin foi presa preventivamente, interrogada e depois condenada, em 1944, a servir 10 anos de prisão em um *gulag* (Administração Central dos Campos, em russo), sistema de trabalho forçado em ambientes ermos, que perdurou durante 30 anos no regime comunista.

Com a morte de Stalin, em 1953, esta e outras prisões foram revogadas, no início do processo de afastamento da União Soviética da figura de seu outrora comandante. Cinquenta anos depois disso, no entanto, a sentença condenatória da família comandante do Spartak foi divulgada ao público. Nela, se afirma que os irmãos furtaram materiais do clube para revenda.

Outro ídolo máximo do povo, desta vez um jogador, também sofreu repressão exacerbada do regime. A história brasileira na Copa do Mundo de 1958 poderia ter sido diferente se Eduard Streltsov estivesse no elenco soviético, talvez retribuindo o apelido "João", de Garrincha para os soviéticos, com um "Vladimir", ao entortar a defesa adversária.

Streltsov não teve a chance de realizar este devaneio: foi cortado da lista de jogadores para o Mundial da

Suécia dias antes da divulgação oficial dos convocados por ter confessado o estupro de uma mulher. Se este crime é fato ou fita é tema de debate até hoje.

As circunstâncias levantam suspeitas, mesmo com a confissão do atleta — teria ele confessado apenas por terem lhe garantido que dessa forma não seria cortado? Outros atletas também foram indiciados por estupro, mas as queixas foram retiradas logo depois da confissão de Streltsov.

O que havia de tão especial, enfim, no jogador? Quando da sua prisão, o atacante tinha apenas 20 anos, mas já era ídolo do Torpedo Moscou pelo seu jeito simples, irreverente e goleador. A magia de Streltsov superava as quatro linhas. Belo e carismático, teria recusado se casar com a filha do Ministro da Cultura da União Soviética, causando constrangimento e provocando a ira entre os membros da alta cúpula do partido, reunidos com os jogadores da seleção pela conquista soviética nas Olimpíadas de 1956.

Streltsov foi o principal jogador da medalha de ouro na Austrália, apagando a mancha da Olimpíada anterior, quando os soviéticos foram eliminados pela Iugoslávia. Em 1952, o encontro entre as seleções transcendeu a esfera esportiva. Era uma disputa entre o então líder Stalin e Josip Tito, comandante conhecido pelo seu não alinhamento com Moscou. A derrota, então, significou o desmanche do time do exército, o CDSA, que a partir de então foi renomeado para CSKA, tal qual conhecido atualmente.

Dos 12 anos de gulag a que foi condenado, Streltsov cumpriu cinco e então passou a jogar futebol na equipe amadora da ZiL, por ter sido banido para o resto da vida da prática profissional do futebol. No entanto, conseguiu reverter esta decisão e voltou ao Torpedo em 1964, conquistando o título nacional um ano depois e sendo eleito por duas vezes o melhor jogador soviético, ainda que seu auge tenha ficado nos campos de trabalho forçado.

A predominância de equipes russas resultou numa constante discrepância na quantidade de candidatos no campeonato soviético, reflexo da importância política moscovita. Assim, em apenas 20 das 54 edições do campeonato republicano um clube não-russo ergueu o troféu, com 16 conquistas do Dínamo de Kiev.

O sucesso do clube ucraniano — expandido até mesmo aos palcos europeus, com três conquistas internacionais, entre os anos 70 e 80 — está intrinsicamente ligado a Victor Maslov, com quem o Dínamo deu os primeiros passos à evolução dos métodos de treinamento. Se hoje em dia chega a ser banal falar sobre a nutrição de atletas e intenso preparo físico, Maslov foi recebido com surpresa em 1964, quando assumiu a equipe de Kiev, após passagem de sucesso pelo Torpedo.

Contudo, o conceito de Maslov não se restringia à nível físico. Pelo contrário, o preparo e cuidado com o corpo foram o meio necessário para que o treinador implantasse a sua ideia de pressão. Sua equipe deveria a todo custo retomar a bola e ao mesmo tempo fechar os espaços para contragolpe.

Pela necessidade de rigidez e controle do jogo, Maslov passou a organizar seus jogadores em um esquema tático 4-4-2, tendo de abrir mão, então, do ponta Valeriy Lobanovskiy, que só retornaria

ao clube em 1974, para se tornar um mítico treinador. Mas a ótima equipe de Maslov não pôde demonstrar plenamente suas qualidades em torneios continentais, devido às punições do regime socialista, em resposta à Primavera de Praga, quando o exército soviético destroçou o movimento separatista que começava a se organizar na capital da então Tchecoslováquia, no fim de 1968.

Neste cenário de repressão e apoio em guerras, como a do Vietnã, o jovem Oleg Blokhin, futuro Bola de Ouro em 1975, tinha a missão de liderar a esquadra soviética ao mundial em plena Alemanha capitalista.

O golpe

No ano do tricampeonato mundial do Brasil, Salvador Allende se elegeu presidente do Chile. Pela primeira vez, no mundo, um político marxista chegava ao poder de forma direta. Mesmo com o resultado das urnas, a oposição tentou barrar o político, resultando no assassinato do então comandante do exército chileno, René Schneider.

Membros da CIA, de acordo com relatório revelado ao público em 1998, sequestraram-no para que pudesse influenciar os militares, mas o ato falhou.

Depois disso, o Congresso empossou Allende. O início de seu governo foi tranquilo, com avanços nas pautas socialistas, como a reforma agrária e a expropriação de bens das indústrias.

Por uma conjuntura de fatores, contudo, em destaque uma interferência política estadunidense — não excluindo erros governamentais —, a partir de 1972 o país entrou numa turbulência econômica que intensificou a já espessa rachadura ideológica entre adeptos de políticas de direita e de esquerda.

Em março de 1973, mesmo no auge de tensão entre os grupos, a oposição não conseguiu o percentual necessário no parlamento para iniciar o processo de impeachment. Se a direita quisesse a saída de Allende, haveria de ser por um golpe – e foi assim, meio ano depois. Porém, ainda havia o futebol.

Um mês antes da tomada do poder, começara a edição da Libertadores da América, tendo no Colo-Colo o representante nacional. Tratava-se de uma equipe com tanta técnica e habilidade que a Roja era composta em sua maioria por seus jogadores, se destacando o veloz e brilhante ponta direita Carlos Caszely como protagonista.

Não era para menos. Os albos conquistaram o campeonato nacional de 1972 de forma irretocável, mas o principal objetivo do time no ano do golpe era surpreender no torneio continental, até então só vencido pela trindade sul-americana: Argentina, Brasil e Uruguai.

Se só a classificação para a semifinal triangular já seria considerada excelente, o êxtase coletivo merecia ser continuado.

Nos encontros contra Botafogo e Cerro Porteño, o Colo-Colo conseguiu ainda derrubar outro tabu, se tornando a primeira equipe de seu país a vencer em solo brasileiro pela Libertadores, quando o Maracanã

presenciou uma atuação fenomenal de Caszely, na derrota alvinegra por 2 a 1. Entretanto, enquanto o time jogava e encantava, trazendo esperança a partir da irreverência nos pés, o golpe no presidente Allende era adiado.

O alcance da influência dos albos no destino do país, por sinal, é tema do livro "Colo-Colo 1973 - A equipe que retardou o golpe", do jornalista Luis Urrutia O'Nell. Mas a equipe vice-campeã brasileira de 1972 não ia se curvar aos chilenos e, em Santiago, Jairzinho e companhia conseguiram reverter um placar adverso de 2 a 0, o que classificaria a equipe para a final.

Certas coisas, como dizem, acontecem com o Botafogo: no último minuto da partida o Colo-Colo conseguiu o empate, que lhe assegurou disputar o título contra o Independiente.

Porém, na final, embora superior no quesito bola jogada, o time andino não resistiu a um terceiro jogo, no Uruguai, recebendo a medalha de prata no dia 6 de junho. O sonho acabara e então veio o pesadelo. Nem havia acabado o mês junino e militares leais ao governo descobriram um plano para depor o presidente.

Sabendo que seria exonerado de seu cargo, devido a seu envolvimento no esquema, o General Roberto Souper liderou cerca de 80 homens em tanques e carros de artilharia pesada, rumo ao palácio do governo, onde abriu fogo.

A tentativa foi contida pelo Comandante das Forças Armadas, Carlos Prats, duas horas e meia depois. Capturando-se o espírito coletivo inflamado pelas greves gerais, a escassez de alimentos básicos e caos na estrutura da cidade, o Palácio

Soldados ocupam o gramado do Estádio Nacional de Santiago, em 1973, ano do golpe militar contra Allende. Eram os anos mais duros do Chile com Augusto Pinochet

de La Moneda seria bombardeado em 11 de setembro de 1973, quando Allende se matou — ou foi morto, fato ainda não esclarecido — e a democracia foi substituída por uma ditadura por 16 anos, liderada por Pinochet.

O novo governo precisava de um local para manter presos os dissidentes políticos e, assim, durante quase dois meses seguintes ao golpe, o maior estádio chileno foi usado como um campo de concentração, onde os considerados subversivos eram submetidos à tortura e à execução. Estima-se que 20 mil pessoas passaram pelo Nacional até o dia 9 de novembro daquele ano.

Nesta data, uma comitiva da Fifa inspecionou o local, após o pedido da União Soviética para que a partida eliminatória da Copa de 74 fosse transferida para outro estádio. As autoridades avaliaram o estado do gramado e dos banheiros, não encontrando, sob seu entendimento, nenhum tipo de irregularidade que pudesse afetar a realização do encontro.

Ainda que para a visita oficial da entidade os militares tenham removido a maioria das pessoas para outros lugares, sobreviventes alegam que alguns não

só estavam presos no subterrâneo do estádio durante a inspeção, como outros também estavam presentes nas arquibancadas, sendo ignorados pelos representantes da Fifa.

O futebol, a maior paixão irracional do coletivo humano, foi bem menos atingido pela truculência da ditadura, em comparação a outras formas de expressão popular, como a música, a literatura e as artes, cujos membros e associados foram alvo de repressão — seja por censura, exilamento, tortura ou execução.

Não se ousava mexer com os jogadores chilenos na ativa. Contudo, o "benefício" não se estendia aos familiares e conhecidos dos atletas, inclusive os da seleção nacional: a mãe de Caszely, o pai de Nelson Vasquez e o tio de Leonardo Véliz foram presos.

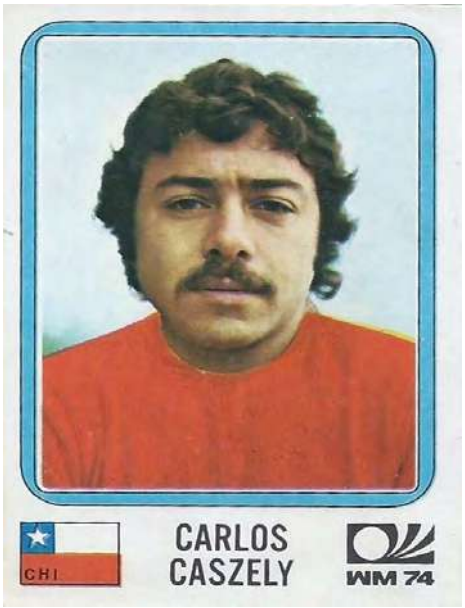
Véliz inclusive contou, em entrevista à revista *The Blizzard*, que foi procurar o seu tio no Estádio Nacional, à paisana.

Pinochet decidiu tomar conta do Colo-Colo, no começo de 1976, ao dissolver a diretoria do clube, ficando com o posto de presidente honorário até 2015, vinte e cinco anos depois do fim da ditadura.

A intenção era se valer do time com mais torcida no país para fins políticos, como em 1988, ano do plebiscito sobre a sua manutenção no poder, quando o líder anunciou um investimento milionário na reforma do estádio do time — o clube nunca recebeu o dinheiro aportado, e Pinochet saiu derrotado da votação popular.

Mas houve partida naquele 21 de novembro. Já presumindo a ausência da esquadra soviética, Pinochet negociou um amistoso. Para atrair uma multidão disposta a pagar ingresso para ver um jogo em um território de tortura e morte, não poderia ser qualquer equipe e, então, por 30 mil doláres o Santos aceitou viajar até Santiago.

Embora o valor astronômico, à época, tenha sido acordado por conta de Pelé, o Rei não viajou ao Chile. Mesmo assim, a equipe paulista — conhecida mundialmente por participar de amistosos que, dizem, até "pararam" guerras — destroçou os chilenos por 5 a 0.



A participação chilena no Mundial de 1974 foi pífia, com uma eliminação na primeira fase, sem vitórias.

A Caszely foi mostrado o primeiro cartão vermelho da história da Copa do Mundo, facilitando a retaliação de impedir o atacante de ser convocado para a seleção, o que durou cinco anos; ele nunca deixara de externar suas ideologias à esquerda.

Por fim, Caszely deu adeus aos gramados no mesmo palco do Jogo da Mentira, em 1985, dessa vez diante de 80 mil pessoas e contra onze adversários do outro lado.

A COPA DOS QUE NÃO FORAM

A boemia e a decadência precoce de dois craques que nunca jogaram um Mundial pelo Brasil

Por Murillo Moret

A grande chance de o Brasil conquistar o primeiro título mundial foi em 1950, em casa. Havia um conjunto de fatores favoráveis: estádios lotados, motivação popular, equipe com jogadores de qualidade...

Romantismo à parte, a História poderia ter sido escrita por linhas diferentes no caso de Fausto ter sido convocado para a Copa de 34 ou se a Segunda Guerra Mundial não tivesse excluído a realização da competição na década seguinte, com Heleno de Freitas no auge.

A carreira dos dois foi semelhante: futebol assombroso, ascensão, boemia, doenças, decadência e últimos dias em sanatórios.

No campeonato de debute, em 1930, a Seleção Brasileira não conseguiu passar pela fase de grupos. Desta forma, a Canarinho retornou ao porto do Rio de Janeiro com somente dois jogos realizados. Estes, contudo, foram suficientes para os uruguaios passarem a chamar Fausto de "Maravilha Negra".

O maranhense, que atuava pelo Bangu e tardou a jogar pelo Vasco, era um centromédio que espantara o técnico inglês Henry Walfare (este afirmou, certa vez, que "nunca tinha visto jogador igual"), e fora peça-fundamental no título carioca do cruz-maltino em 1929.

À época do Mundial no Uruguai, uma rixa afetou o elenco enviado ao país vizinho. A CBD, carioca, e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), paulista, não chegaram a um consenso – cada qual desejava possuir a maioria de jogadores regionais entre os convocados – e o presidente da primeira, Renato Pacheco, enviou uma relação à Fifa somente com atletas que atuavam no Rio de Janeiro. A entidade máxima aceitou novas convocações até a semana anterior à competição, mas os dirigentes não se acertaram.

Assim, os atacantes Arthur Friedenreich (São Paulo da Floresta) e Feitiço (Santos) ficaram de fora, bem como amadores de outros estados – entre estes destacando-se o goleiro Lara (Grêmio) e o atacante Mário de Castro, autor de 195 gols em 100 jogos pelo Atlético Mineiro, de acordo com pesquisadores.

Se a birra entre CBD e Apea foi acalmada para 1934, o meio-campista, ainda assim, acabou sendo um dos descartados para a Copa do Mundo na Itália.

O futebol brasileiro se encaminhava à profissionalização: a Liga Carioca de Futebol havia sido fundada no Rio no início da década e a própria associação em São Paulo criara uma divisão profissional. Em 1933, as duas se uniram para formar a Federação Brasileira de Futebol.

Entretanto, a Fifa não a reconhecia: a seleção dos representantes da Canarinho seguia nas mãos da amadora CBD. Para montar uma equipe competitiva, a entidade teve de pagar para os clubes liberarem os jogadores. No entanto, somente o São Paulo da Floresta, no estado, aceitou as ofertas – entre os atletas estava o artilheiro Waldemar de Brito.

O Vasco liberou Tinoco e Átila, mas Fausto ficou de lado. Moderato (Flamengo) e Preguinho (Fluminense), veteranos de 1930, e o zagueiro Domingos da Guia também não foram inseridos na lista final.

Nos anos 40, Heleno de Freitas foi quem deu as cartas. Ele fazia o que queria no Botafogo: derrubava técnicos, humilhava companheiros de time – cada vez pior à medida que melhor jogava. Se lhe erravam um passe ficava irritado, discutia com dirigentes e brigava com torcedores que o idolatravam.

O atacante era um craque egocêntrico, pois todos sabiam que ele sabia que era bom. Ainda hoje, segue como o quarto maior artilheiro da história do clube, com 204 gols em 234 partidas.

O São Cristóvão, adversário em sua estreia no Campeonato Carioca, sofreu dois gols dele. Em 1942, ninguém marcou mais no Estadual que Heleno, que foi às redes em 34 oportunidades.

A presença dele em um Mundial, porém, será eternamente uma dúvida. Em uma década sem a disputa do torneio, o melhor de todos os bons anos dele foi o de 1946.

Heleno estreou pelo Brasil em 1944 com gol, substituiu Leônidas da Silva no Sul-Americano do ano seguinte (formando o quinteto ofensivo ao lado de Tesourinha, Jair Rosa Pinto, Ademir de Menezes e Zizinho) e venceu a Copa Roca, em cima da Argentina, na mesma temporada.

A realização do sonho de vencer uma Copa do Mundo ficou no campo teórico. Ele bem que tentou em 1950, mas ficou de fora da convocação por duas razões bem peculiares.

Para começar, o técnico era Flávio Costa, que já não o aguentava mais – o treinara na campanha vitoriosa do Vasco em 1949 –, e em segundo lugar, Heleno estava atuando pelo Atlético de Barranquilla – a Fifa não permitia a presença de atletas que atuavam por ligas não-reconhecidas, como era o caso da Liga Pirata da Colômbia. Torcedores e historiadores acreditam que a final contra o Uruguai seria diferente se Heleno tivesse jogado; outros, como a sobrinha dele, Herilene, discordam: a saúde do atacante já estava debilitada.

Heleno era um endinheirado intelectual; Fausto, filho de retirantes, curtia a noite fluminense sem pudor. Os dois sabiam que eram gênios do esporte, cada a um à maneira que lhe convia.

Os temperamentos eram difíceis: o meia ficava revoltado e explodia quando discriminado; sempre de cara fechada, não tirava o pé em qualquer jogada – mesmo que isso lhe causasse suspensões (e foram muitas). O botafoguense, exigente com a perfeição, respeitou poucas figuras durante a carreira.

A vida desregrada levou o atacante a um sanatório em Barbacena (MG), no começo da década de 50. Seria o começo do fim, se aquele fosse o começo: o cafajeste, sonho das mulheres durante o auge no Botafogo, contraiu sífilis e adquiriu vício em éter e lança-perfume.

O artilheiro pé-de-valsa que passava as noites no Cassino da Urca ou na boate Vogue deludiu por anos, inventando histórias, fazendo discursos sem nexo e confundindo realidade e fantasia, todas manifestações psiquiátricas da doença que lhe vitimou, a paralisia geral progressiva (terceira fase da sífilis), depois de quase cinco anos de internação.

A boemia também cobrou Fausto, adorado pelas madamas que frequentavam os cabarés. Em setembro de 1931, o médico da CBD disse a ele que não jogaria contra o Uruguai, pela Copa Rio Branco, depois que uma forte gripe o deixou na cama por dias.

Foram os primeiros indícios da tuberculose que, oito anos depois, tiraria-lhe a vida.

Na Espanha, onde defendeu o Barcelona e foi reverenciado pela *France Football*; no Uruguai, pelo Nacional; e no Brasil, por Flamengo e Vasco, novamente, o talento sobrava e o físico cobrava.

A gripe e a tosse eram constantes e os treinamentos rígidos, sobretudo no Rubro-Negro, com Dori Kruschner, não lhe permitiram continuar. Fausto foi enviado a um sanatório, também em Minas Gerais, pelos médicos do Flamengo.

Depois de jogar entre os aspirantes da equipe, se sentiu mal e tossiu sangue, sendo encaminhado para um hospital. Recebeu cuidados até a última noite, com febre altíssima, para ser enterrado em uma cova rasa, cravada por uma cruz sem nome ou data. Com apenas 34 anos. Pobre.

FÁBRIC

Cas

CA DE ATLETAS

os abafados de doping arruinaram a reputação da Rússia. Às vésperas da Copa, a seleção anfitriã está no olho do furacão

Por Felipe Portes

Desde a dissolução da União Soviética, em 1991, a Rússia tenta resgatar seu prestígio como uma das potências do futebol mundial. O caminho, sem os craques que estouraram em países vizinhos, tem sido muito difícil. Foram três Copas do Mundo disputadas, com três eliminações na primeira fase.

Como sede da edição 2018, a Rússia deveria estar muito à frente em uma escala de progresso. Mas mesmo a sutil melhora de desempenho recente carrega um enorme asterisco: as denúncias (e comprovações) de doping ao longo da última década atingiram em cheio o prestígio atlético russo.

A crise de credibilidade abalou não só os esportes olímpicos na Rússia, com atletas banidos da edição de 2018 dos Jogos de Inverno. O futebol também está na mira das autoridades e deve sofrer sanções graves nos próximos meses.

A questão central do doping na Rússia é que um laboratório de Moscou, credenciado pelo Comitê Olímpico Internacional, sistematicamente omitia relatórios para cobrir irregularidades a respeito de substâncias ingeridas por atletas.

O escândalo se estendeu ao futebol, quando foi comprovado que 11 jogadores russos estavam na lista dos dopados. Para piorar, foi descoberto um plano que desde 2012 impulsionava o desempenho físico de esportistas no país, com a anuência do Ministro do Esporte.

Em dezembro de 2017, com acusações graves e depoimentos de médicos e especialistas ligados à Federação Russa (RFU), o chefe da entidade renunciou ao cargo. Vitaly Mutko, que acumulava a função de presidente da RFU e do comitê organizador da Copa de 2018, alegou que ficará afastado por seis meses e que sua ausência não afetará o trabalho das autoridades, às vésperas do Mundial.

O dirigente foi acusado pela emissora alemã ARD de ter um papel essencial no acobertamento de um caso de doping no Krasnodar, equipe que disputa a primeira divisão russa. Não foi revelado o nome do atleta, mas sabe-se que parte da renúncia de Mutko se deve à descoberta do envolvimento institucional da RFU na apuração dos testes, datados de 2014.

O exame do tal anônimo do Krasnodar teve resultado positivo para hexarelin, uma substância que aumenta a produção de hormônios e ajuda na redução de gordura.

O frasco em que estava a amostra sanguínea do jogador foi adulterado e aprovado por Mutko. Obviamente, o jogador jamais foi punido pelo doping.

A suspeita de doping no futebol tem como epicentro a investigação que abrange todos os jogadores da seleção russa que disputaram a Copa de 2014, no Brasil. Nenhum dos convocados escapou de um pente fino feito pela FIFA para averiguar o uso de substâncias ilegais.

Contudo, a própria federação atestou que nenhum jogador testou positivo, já que outros laboratórios consolidados na Europa não apontaram problemas na seleção entre 2013 e 2015. À luz dessas revelações, a entidade suíça se recusou a aplicar qualquer suspensão

ou ameaça à Rússia. Ainda assim, existem outras frentes de investigação trabalhando nos meses que antecedem a Copa do Mundo.

Dentro do prisma nacional, em que 1.000 atletas estão envolvidos no caso, a participação da seleção de futebol no esquema sequer ser cogitada torna as coisas ainda mais graves para os russos. Tudo se encaixou no momento em que Grigory Radchenkov resolveu falar.

Ex-diretor do laboratório Moscou, o médico depôs explicando o processo de doping e de ocultação de provas, para esclarecer o processo. Soube-se que Radchenkov propositalmente destruiu milhares de evidências que pudessem provar as irregularidades acusadas.

A Agência Mundial Anti-Doping (WADA, na sigla em inglês) não desistiu de vasculhar as profundezas do esporte na Rússia. Mesmo depois da negativa por parte da FIFA, a entidade prometeu fazer novos exames na seleção anfitriã antes da Copa.

O problema maior que surgiu nos últimos meses de 2017 é a indicação de que o Serviço Federal da Rússia, o FSB, participou da alteração de evidências para inocentar os atletas acusados. A última acusação tornada pública, por fontes ligadas a Radchenkov, surgiu em janeiro de 2018, mais uma vez apontando para um esquema dentro da RFU.

Amostras de urina seriam adulteradas com a conivência da federação russa, a fim de permitir o uso indiscriminado de substâncias dopantes. Ainda não se sabe quando será divulgada a última contraprova ou a delação de Radchenkov. O que podemos ter certeza é que os efeitos serão bombásticos.

Quando um braço do governo se envolve em questões esportivas, ainda mais se tratando de um aparente acobertamento de doping, o mínimo que se espera é uma longa batalha para provar inocência.

É evidente que haverá desdobramentos até o pontapé inicial do Mundial, mas é pouco provável que algo aconteça com a Rússia até lá. Depois, quem sabe.

A demora da FIFA para analisar o caso vem gerando desconforto no cenário internacional. O chefe da agência anti-doping dos Estados Unidos, Travis Tygart, afirmou em janeiro de 2018 que a inoperância da entidade no caso pode ser intencional, para não afetar seriamente a organização da Copa do Mundo. Mesmo porque, seria sem precedentes banir a anfitriã de um Mundial, por qualquer motivo que seja.

Os mais céticos acreditam que não haverá punição até o fim da Copa, o que seria mais uma enorme mancha na credibilidade da FIFA. Entretanto, o último caso de banimento de uma seleção foi a Iugoslávia, impedida de disputar a Eurocopa de 1992 e as Eliminatórias para a Copa de 1994. Desde então, o histórico foi apenas de ameaças e multas.

Um ponto bizarro de toda essa história é que, mesmo se partirmos do princípio de que a Rússia dopou seus jogadores, isso não representou grande melhora no futebol apresentado pela seleção de Stanislav Cherchesov, que frequentemente exibe um estilo

previsível, antiquado e que pouco favorece os atletas mais talentosos como Fedor Smolov, Aleksander Golovin e Alan Dzagoev.

É claro que isso não deveria servir como indício para que a Rússia seja inocentada, mas o suposto ganho não impactou tanto assim a seleção, escancarando a incompetência do grupo como um todo. Mesmo na hipótese de doping, os russos continuam sendo uma equipe comum que não mete medo em ninguém.

Em uma perspectiva mais drástica, a Rússia perderia o direito de jogar o Mundial e provavelmente seria sbstituída como sede. Também não seria a primeira vez que uma Copa do Mundo fica em risco em virtude da crise que se abateu sobre sua sede.

Em 1985, menos de dez meses antes de receber a Copa de 1986, o México se viu no meio de um terremoto de grande magnitude na capital, com mais de 40 mil mortes registradas. Mesmo com o desastre, o segundo mundial em solo mexicano transcorreu normalmente. Do ponto de vista moral, qualquer atitude severa da FIFA pode desencadear consequências pesadas na Copa de 2018.

Talvez seja mesmo tarde demais para entregar o torneio a outro país qualificado na Europa, como Alemanha, Inglaterra, Itália ou França, sempre bem cotados e com número satisfatório de estádios de nível adequado às exigências.

A troca emergencial serviria para proporcionar a tal limpeza moral que a FIFA tanto defende no esporte, além de passar um recado aos trapaceiros.

Banindo estrelas

Quando se fala em Copa do Mundo e doping, é muito difícil não lembrar o caso de Diego Maradona, banido ainda na primeira fase da edição de 1994. O capitão da Argentina, que vinha em ascendente depois de alguns meses longe do esporte, retornou furioso para a sua última participação no torneio. O mundo viu apenas dois jogos de Maradona nos Estados Unidos.

Na estreia fulminante contra a Grécia e na vitória diante da Nigéria, o ídolo brilhou e parecia predestinado a levar a Argentina ao tri, que falhara quatro anos antes na Itália.

Diego não entrou mais em campo por sua seleção. A despedida aconteceu logo após a partida contra os nigerianos, sem que ninguém soubesse do que se tratava. Acompanhado por uma enfermeira, Maradona se dirigia aos vestiários para fazer exames anti-doping.

O resultado foi rápido e trágico para as ambições da Albiceleste: banimento imediato do Mundial por uso de efedrina, durante sua milagrosa

missão de emagrecimento. Órfã de seu líder, a equipe treinada por Alfio Basile não passou das oitavas de final, caindo perante uma ofensiva Romênia, liderada por Gheorghe Hagi.

Muitas teses que circulam pelo mundo da bola dão conta de uma "sabotagem" por parte dos americanos. Como todo boato infundado, não se sabe ao certo qual motivação ou ganho os anfitriões teriam. Há ainda quem defenda que a FIFA foi leniente com o doping de Maradona por tempo suficiente, até que ele desequilibrasse o torneio sozinho. Vendo que o craque poderia se sagrar bicampeão, a entidade teria agido e o tirado de cena.

A relação de Diego com o fisioterapeuta Daniel Cerrini, aliás, ainda é das mais obscuras. A versão mais frequente sobre o seu banimento é a de que Cerrini administrou de maneira equivocada algumas medicações que o craque tomou entre 1993 e 94, permitindo rápida perda de peso.

Baboseiras típicas e corriqueiras em um esporte que evidentemente teve momentos vergonhosos em passado recente, mas que ainda não teve comprovação de uma manipulação tão grande durante a Copa.

Mais recentemente, a FIFA tomou uma decisão duríssima em relação a outro craque sul-americano. Paolo Guerrero, capitão da seleção do Peru, ficou de fora das partidas de repescagem contra a Nova Zelândia. Testando positivo para cocaína, o camisa 9 do Flamengo inicialmente foi suspenso por um ano, mas ao fim de 2017 a FIFA diminuiu a pena para seis meses, permitindo a participação do flamenguista na Copa de 2018.

Titov e o Bromatan

Yegor Titov foi um astro da seleção nacional russa entre 1998 e 2007. Craque do Spartak Moscou, o meia-atacante é considerado um dos maiores talentos do país nas últimas décadas.

Depois da fase no Spartak, Titov passou por Khimki e Lokomotiv Astana, anunciando aposentadoria em 2010. Para muitos russos, Titov saiu de cena como herói nacional, mais especificamente para a massa torcedora do Spartak.

Entretanto, os galeses ainda guardam certa restrição sobre o russo, em virtude de um assunto mal resolvido em 2003, quando o País de Gales foi eliminado na repescagem da Eurocopa de 2004. Foram dois jogos acirrados entre Rússia e País de Gales e a vaga foi decidida por apenas um gol, na partida de volta.

O único tento da eliminatória foi de autoria de Vadim Evseev, que marcou justamente naquele encontro do Millennium Stadium seu primeiro e último tento pela seleção.

A grande preocupação russa não era exatamente com os adversários, e sim com o estado físico de Titov. Lesionado na partida de ida, o meia retornou e jogou 59 minutos na volta, mesmo com um dedão do pé torcido.

Dias depois da classificação para a Euro, Yegor testou positivo em novembro para bromatan, um estimulante comumente utilizado por soldados em campos de batalha. Apesar dos protestos galeses, a UEFA manteve

Titov, ídolo do Spartak, foi banido por um ano por uso de bromatan

o resultado e apenas puniu Titov pelo uso ilegal do medicamento, com um ano de gancho.

Já naquela época, se discutia sobre um possível esquema de doping partindo dos russos, mas a UEFA preferiu não ir a fundo na investigação por causa de apenas um atleta.

Titov não foi o primeiro russo pego no doping nos anos 2000. Seus colegas de Spartak, Maksim Demenko e Vladyslav Vashchuk, revelaram que também foram drogados pelo assistente técnico Anatoliy Schukin.

Foi comprovado que até mesmo os jovens das categorias de base do clube recebiam substâncias banidas pela FIFA. Os desdobramentos foram negativos apenas para Schukin e o treinador, Andrei Chernyshov, que foram demitidos. Em 2005, o mesmo Vitaly Mutko, então no cargo de presidente da RFU, prometeu que traria uma resposta satisfatória ao público em relação ao esquema do Spartak, punindo os responsáveis e assim provando o compromisso do futebol russo com os valores do esporte.

O pior estava por vir. Problemas com medicações proibidas não eram exclusividade do Spartak. Além do trio Titov, Demenko e Vashchuk, o CSKA Moscou também foi alvo de investigações por ter jogadores flagrados no doping.

Em 2009, os defensores Sergei Ignashevich e Aleksei Berezutskiy testaram positivo para estimulantes não revelados. Mas não houve nenhuma sanção digna de nota.

O CSKA escapou com um tapinha nas costas e não foi excluído da Liga dos Campeões daquele ano, graças a uma regra da UEFA: uma equipe só seria banida caso mais de dois atletas fossem pegos no anti-doping. Assim é fácil.

Daniel Carvalho, anos depois de deixar o CSKA, abriu precedente para ainda mais desconfiança a respeito das práticas russas no doping

(Des)acusações

O meia brasileiro Daniel Carvalho também revelou ter sido dopado em seu tempo no CSKA. Foram duas passagens entre 2004 e 2009. Quando defendia o Palmeiras, em 2012, Carvalho mencionou que ganhou peso rapidamente após injeções de anabolizante.

Lembrado por se apresentar muito pesado ao clube paulista, o atleta chegou a dar detalhes do doping a que foi submetido e ainda acrescentou que havia pouca ou nenhuma fiscalização nesse sentido por parte da RFU.

Horas depois, no entanto, Daniel se retratou com o CSKA, desmentiu a própria versão e alegou ignorância sobre as medicações, ganhando o endosso de um fisiologista do Palmeiras, que descartou qualquer ligação entre o suposto doping e o aumento de peso do meia. O estrago, no entanto, já estava feito. É difícil colocar panos quentes sobre uma questão tão específica, mesmo que para justificar o fato de estar acima do peso.

Daniel Carvalho, é claro, nunca mais tocou no assunto publicamente e a declaração, ainda que desmentida pelo próprio, aponta para uma sistematização do doping dentro do futebol russo.

Spartak e CSKA não sofreram sanções posteriores por parte da UEFA ou da RFU pelos casos de doping. Exceto Titov, que levou um ano de suspensão, todos os outros foram absolvidos. Ignashevich e Berezutskiy levaram multas e apenas uma partida de suspensão.

Argentina '78 e suas tra

O Mundial manchado por intervenções de militares
bastidores ainda intriga muita gente, quatro déc

Por Jessica Miranda

MAS OBSCURAS

ARGENTINOS NOS
ADAS DEPOIS

Uma semana antes de a Inglaterra empatar sem gols com o Uruguai, no jogo de abertura da Copa do Mundo de 1966, o comitê da FIFA anunciou a Argentina como sede do Mundial de 1978.

Ainda que com um prazo longo para se organizar, a conjuntura política, econômica e social do país desde tal anúncio dificultou o planejamento da competição.

Tudo começara naquele mesmo ano de 1966. O presidente Arturo Illia sofreu um golpe militar, sendo substituído pelo General Juan Ongania. Começou, então, o período conhecido como "Revolução Argentina", que pode ser comparado no tom com o governo do Marechal Castelo Branco, durante a ditadura brasileira.

Após golpes internos e intensas revoltas populares, porém, os militares cederam o governo aos civis, em 1973, os quais elegeram Héctor Cámpora como presidente. O candidato peronista, para contornar a proibição dos militares de impedir a candidatura de Juan Perón (plano conhecido como o "Grande Acordo Nacional"), renunciou assim que assumiu o poder, convocando novas eleições, vencidas pelo seu mentor.

Como Perón faleceu um ano depois, a sua esposa, Isabelita Perón, chegou à presidência do país. Não tardou para a Argentina presenciar seu segundo golpe em menos de uma década.

Estimulados e financiados pelos Estados Unidos, sob o plano da Operação Condor, os militares assumiram o poder em março de 1976, através de uma junta formada por Jorge Videla, Emilio Massera e Orlando Agosti, representantes de cada um dos poderes. As tensões argentinas para a copa em sua casa não se limitavam ao extracampo.

A própria seleção vivia uma crise de identidade. Ao ser esmagada pela Tchecoslováquia no Mundial de 1958, a Albiceleste mudou radicalmente seu estilo de jogo, largando o la nuestra em prol de um futebol mais físico, no "estilo europeu".

Dezesseis anos depois, na Alemanha, outra derrota humilhante, porém, colocou em pane os novos ideais argentinos. Na sua vitória, a Holanda demonstrou elementos e princípios inspirados justamente no River Plate dos anos quarenta, o la nuestra: encantar acima de tudo. Neste contexto, no fim de 1974, Cesár Menotti foi apontado como técnico da seleção, por conta de seu trabalho no Huracán.

Com a ascensão da junta, a Comissão de Apoio ao Mundial se tornou o Ente Autárquico do Mundial, com o general Omar Actis como presidente e o almirante Carlos Lacoste, vice.

Actis era tido como um militar moderado. Analisou as planilhas de gastos e expressou dúvidas sobre o montante de dinheiro público que seria utilizado para reformar os estádios de River Plate, Vélez e Rosário Central, e a construção de estádios nas cidades de Córdoba, Mendoza e Mar del Plata. Mas o general não teve tempo para externar ao público suas dúvidas: em agosto de 1976 seu carro foi alvejado.

Lacoste, apoiado diretamente por Emilio Massera, tomou conta, então, dos gastos da Copa. Entre 1977 e 1979 seu patrimônio aumentou em torno de

450%. Segundo o jornalista Eugênio Menéndez, que escreveu o livro "Quem matou o general Actis?", Lacoste foi o mentor intelectual do crime, justamente por almejar assumir as finanças da entidade.

Além de Massera, Lacoste também era amigo de João Havelange, que primeiramente o nomeou para ser vice-presidente da CONMEBOL e, em 1980, da própria FIFA, que o brasileiro presidia.

Os estádios ficaram prontos a tempo do início do Mundial, mas o retorno pela presença de turistas ficou bem aquém do esperado. O futebol, novamente, foi usado como propaganda ideológica. A Argentina necessitava vencer não apenas para ser o melhor futebol, mas também para tentar amenizar sua própria imagem pública. Sob o governo de Videla, mais de dez mil pessoas desapareceram.

Os conflitos entre guerrilhas eram diários. Bombas explodiam em toda parte, inclusive na casa do Ministro das Finanças, Juan Alemann, enquanto a Argentina enfrentava o Peru — ele havia questionado publicamente os gastos do torneio. Alemann sobreviveu ao atentado.

Quarenta anos depois, aquele Argentina x Peru causa discussões. Oito países, divididos entre dois grupos, disputavam a presença na final da Copa do Mundo de 1978. A Laranja Mecânica, sem Johan Cruyff, liderou o grupo A, após as derradeiras partidas entre Áustria e Alemanha, e Itália e Holanda serem disputadas simultaneamente.

Porém, naquele mesmo 21 de junho, o Brasil enfrentou a Polônia horas antes da Argentina duelar com o Peru. Assim, os donos da casa sabiam exatamente qual placar necessitavam para assumir o primeiro lugar no saldo de gols.

Se a diferença de tratamento entre os grupos e o resultado final de 6 a 0 para a Argentina já causariam desconfianças, a presença de Videla e do ex-secretário dos EUA, Henry Kissinger no vestiário dos peruanos, momentos antes da partida, é altamente suspeita.

De acordo com Ricardo Gotta, autor do livro "Fomos Campeões", houve um acordo, supervisionado pelos americanos, entre Videla e o presidente peruano, Francisco Cerruti. Além de vantagens financeiras e uma carga considerável de trigo que seguia para o Peru, a Argentina receberia presos políticos do regime militar peruano.

Classificada para a final, a Argentina de Mario Kempes bateu a Holanda no gramado do Monumental, em Buenos Aires. O placar de 3 a 1 foi resolvido apenas na prorrogação. Depois do título, Videla pegou a taça como se tivesse feito o terceiro gol contra os holandeses, obra de Daniel Bertoni.

Ainda há outras especulações a respeito daquela Copa. No livro "O filho do enxadrista 2", Fernando Mondragón relata suas experiências como filho de um chefão do tráfico colombiano, e, de acordo com ele, o Cartel de Cali enviou uma mala preta para os peruanos ajudarem a eliminar o Brasil.

Com tantas polêmicas, conflitos e tensões, com certeza a edição de 1978 é a mais obscura de todas as Copas do Mundo. Nenhuma outra aconteceu sob circunstâncias tão nebulosas quanto as que rondavam a disputa na Argentina.

O cartel q
Relatos apo

ue conta a história de duas Copas

ontam influência de traficantes colombianos nos Mundiais de 1978 e 86

Por Murillo Moret

Pouco antes das 20h no horário local, Argentina e Peru deixavam o gramado do Gigante de Arroyito, em Rosário, para descansar no intervalo com vitória parcial dos mandantes por 2 a 0.

Para eliminar o Brasil e avançar à final da Copa do Mundo de 1978, a Albiceleste precisava marcar mais duas vezes. O placar elástico de 6 a 0, após o apito final, pareceu largo demais; tanto é que, há 40 anos, ainda se discute o que aconteceu naquela partida em terras rioplatenses: suborno, pressão da ditadura, cansaço extremo dos peruanos e até os cartéis colombianos foram sugeridos como agravadores de uma das fases finais mais estranhas da história dos Mundiais.

O jornalista argentino Carlos Juvenal, por exemplo, contou que encontrou o capitão peruano, Héctor Chumpitaz, no centro de Buenos Aires depois da partida. O jogador confirmou sobre o dinheiro extra recebido pela derrota, mas jamais admitiria em público.

Também nos dias que sucederam o Mundial, o diário La Razón publicou uma reportagem sobre a aquisição de quatro mil toneladas de trigo a granel pelo Peru. Esta seria uma das partes do pagamento do governo argentino ao peruano pela ajuda na Copa.

Francisco Rodríguez Mondragón publicou dois livros em quatro meses, em 2007. As publicações *El Hijo del Ajedrecista* tinham o propósito de divulgar informações desconhecidas sobre o Cartel de Cali.

Todas as revelações, disse ele, eram verídicas e estavam escoradas nas anotações que o pai dele, Gilberto Orejuela, e o tio, Miguel — líderes do cartel — mantinham arquivadas.

Cali, afirmou o autor no segundo livro da série, teve um papel secundário naquele jogo da Copa do Mundo. Após o empate com o Brasil, Miguel recebeu um telefonema do empresário Carlos Quieto para que o capo o ajudasse a entrar em contato com a Federação Peruana de Futebol (FPF). No dia seguinte, o presidente – que era próximo do tio de Mondragón — e tesoureiro da entidade receberam uma comitiva argentina encabeçada pelo vice-almirante Carlos Lacoste, em Lima.

Quieto era um dos agentes que ficaram animados com as ofertas polpudas do futebol colombiano entre as décadas de 1970 e 80. A Fifa tinha imposto uma sanção à Colômbia em 1953 por criar uma liga pirata, que não respeitava os contratos que os jogadores tinham com os clubes de origem. Naquela época, Adolfo Pedernera e Alfredo Di Stéfano, por exemplo, estavam atuando no país.

A retomada no esporte aconteceu com a ajuda das fortunas dos narcotraficantes: em Medellín, Pablo Escobar torcia pelo Atlético Nacional; em Bogotá, Gonzalo Gacha era próximo ao Millionarios; e em Cali, Miguel conduziu o América por quase duas décadas.

O argentino Quieto foi o representante mais famoso deste período: vinculado ao Independiente, foi ele quem negociou o repasse de Ricardo Gareca ao América que venceu o campeonato nacional cinco vezes seguidas nos anos 80.

Por outro lado, os Diabos Vermelhos perderam três vezes a final da Copa Libertadores entre 1985 e 87. O acordo

proposto por Lacoste à FPF era pagar uma "bonificação" a alguns jogadores. A entidade, segundo Mondragón, conversou com quatro atletas, o goleiro Quiroga, o atacante Muñante e outros dois de nomes não revelados, mas que eram um volante e um zagueiro.

Por fim, todos eles receberam 50 mil dólares como incentivo por levar o time àquela fase do Mundial de 78, fora os 250 mil dólares para os membros da comissão técnica. Ao governo peruano, a doação de trigo que fora solicitada há tempos finalmente seria entregue, gratuitamente.

Em 1998, Ramón Quiroga (foto acima) concedeu uma entrevista ao La Nación tentando eliminar as suspeitas de si. No entanto, alimentou outras desconfianças. Jogadores eram estreantes no torneio, como Percy Rojas [*nota: apenas este meio-campista foi novidade entre os titulares contra a Argentina*]; que Raúl Gorriti "*entregou o quarto ou quinto gol*"; que pediu ao técnico Marcos Calderón que substituísse Rodolfo Manzo no intervalo "*porque não parava ninguém e que ficou agachado no gol de Alberto Tarantini*".

Outro ponto levantado por Quiroga foi que a seleção estava dividida internamente entre atletas dos rivais Sporting Cristal e Alianza Lima. Elementos suficientes para sustentar qualquer teoria de que havia algo de muito errado antes do pontapé inicial. De forma privada, alguns atletas pressionaram Calderón para não escalar Quiroga, nascido em Rosario, na Argentina.

Minimizando esse detalhe, o goleiro disse que estava seguro e jogaria sem pressão. "*Em nome da pátria*", declarou em 2012, que facilitou alguns gols. Anteriormente, o arqueiro se limitava a falar que "*sempre deu a alma ao Peru*" e que a seleção só chegou ao Mundial "*por causa dele*". Em todo caso, Quiroga sempre refutou o suborno. Manzo, por sua vez, foi conhecido entre o

povo peruano como "*o vendido*". No ano seguinte à Copa, já atuando pelo Vélez Sarsfield, disse em uma conversa informal que o 6 a 0 aconteceu somente porque a Argentina pagou para garantir o resultado. Ele assinou, posteriormente, uma retratação frente às câmeras.

Como Quiroga, o zagueiro desmentiu as declarações. O companheiro de defesa Chumpitaz também negou a grana depois da publicação de *El Hijo del Ajedrecista 2*. No livro, o autor escreve que os jogadores argentinos não sabiam das conversas ilegais e que a seleção da casa, provavelmente, venceria por quatro gols de diferença "*devido à pressão local*".

O jornalista Jonathan Wilson também acredita que o fim seria este, com derrota peruana, entretanto, por outros meios. À época, o futebol era uma das poucas representações artísticas que a ditadura cisplatina permitia.

O técnico Cesar Luis Menotti, inclinado à classe trabalhadora, apelou ao conservadorismo quando assumiu a Albiceleste depois do Mundial de 1974. Considerado como o mentor de uma revolução que tornou o futebol argentino muito mais fluído e vistoso.

Os times de *El Flaco* eram rápidos, ofensivos e envolventes – o Clarín dizia que o Huracán campeão em 73 era um deleite. Mesmo com o discurso tradicional, Menotti trancou os jogadores antes do Mundial em um laboratório, dando vitaminas a eles e treinando em ritmo acelerado, muito acima da média da época.

Essa preparação e o estilo de jogo, sugeridos no livro *A Pirâmide Invertida*, contribuíram para a queda do Peru no Gigante de Arroyito: a seleção visitante acertou a trave e Quiroga fez defesas difíceis no primeiro tempo e, no segundo, a "*atmosfera assustadora*" do estádio e o "*trabalho sensacional de passes*" argentino derrubaram a Bicolor e o próprio Brasil.

O técnico da Albiceleste e o goleiro Ubaldo Fillol lembraram que os times se encontraram em amistoso preparatório antes da competição, e que a Argentina venceu com facilidade. Fora isso, o Peru estava "*debilitado por lesões*".

Osvaldo Ardiles, reserva naquele confronto das quartas, preferiu outro caminho: "*Se vocês me perguntam se a Junta Militar fez algo, eu vou te dizer que não sei, mas essa gente estava preparada para fazer absolutamente tudo.*"

O ex-senador peruano Genaro Ledesma tem uma outra versão para o episódio. Declarou, em 2012, que ele e outros 12 opositores do regime de Francisco Bermúdez foram sequestrados e enviados à Argentina.

O general Jorge Videla, um dos cabeças da junta militar, aceitaria receber esses "prisioneiros de guerra" se o Peru perdesse aquele jogo. Titular peruano em Rosário, o meia Juan Carlos Oblitas é quem, talvez, resumiu da melhor forma.

Na abertura da Copa de 1986, afirmou que "*naquela partida houve coisas raras*". Desde as Eliminatórias para aquela Copa do Mundo, a Albiceleste olhava com bons olhos para a seleção peruana, escreveu o inglês David Yallop. O adversário de Rosário foi o algoz do Chile, equipe que os cisplatinos não queriam em seu território, pois

não havia nenhuma afinidade entre o ditador Augusto Pinochet e a junta, também encabeçada por Lacoste e o almirante Emilio Massera. O conflito de Beagle, no fim de 1978, comprova a história tensa entre as ditaduras.

Se os cartéis contribuíram para a evolução do futebol na Colômbia, eles também foram peça-chave para a desistência do país para o Mundial de 1986. Os colombianos foram agraciados como país-sede da Copa do Mundo em votação realizada duas décadas antes, sobretudo devido ao lobby realizado pelo presidente, Misael Pastrana Borrero.

Depois de ver Brasil, Argentina, Uruguai e Chile organizando as competições, ele procurou justificar à Fifa que o país dele era o segundo maior do continente e a realização do campeonato era uma ambição política — assim, era possível investir em projetos de grande escala, como em estádios.

Havia muitas incertezas, entretanto, no fim da década de 1970. Os cartéis do narcotráfico, a presença das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o crescimento da guerrilha M-19 e o colapso econômico do país — o preço do principal produto para exportação, o café, havia despencado até porque a economia mundial estava em recessão — fizeram o presidente Belisario Betancur abrir mão da organização, em setembro de 1982.

Ele declarou que a nação estava passando por dificuldades sociais e "não tinha tempo para atender as extravagâncias da Fifa e seus membros", só dando anuência se o Mundial tivesse 16 seleções, ideia vetada por João Havelange, então presidente da FIFA.

A entidade havia solicitado que a Colômbia precisava investir em estádios — o Metropolitano, em Barranquilla, estava em obras —, hotéis, aeroportos e comunicação para turistas para acomodar jogadores, espectadores e jornalistas.

Betancur não queria comprometer os fundos nestes assuntos e chegou a declarar que a Colômbia poderia sediar o Mundial de 1994 — o que não ocorreu, visto a ausência de candidatura do país. Inglaterra, Espanha, Alemanha e Bélgica/Holanda propuseram receber a competição, mas a entidade queria manter o torneio na América para respeitar o revezamento. O Brasil cogitou a possibilidade de entrar no páreo, porém foi barrado pelo presidente João Figueiredo.

Por fim, o Canadá também se interessou, mas a Fifa não deu muita bola devido à inexperiência e porque os canadenses tinham o hóquei como seu principal esporte nacional. O comitê executivo, desta forma, ficou com duas ofertas na mesa: Estados Unidos e México. Aos estadunidenses, a vantagem era ter o apoio ou suporte de Pelé e do recém-aposentado Franz Beckenbauer.

Havelange não ficou muito feliz quando a Liga Norte-Americana de Futebol rejeitou a mudar algumas regras que eram usadas em território estadunidense, como shoot-outs em partidas empatadas, linha de impedimento a 35 metros e o relógio de quatro tempos de 20 minutos cada.

Um receio que a própria liga tinha era que, apesar da diminuição de 24 para 14, e depois 12 clubes, em 1982, o público permanecia longe das arenas — a média nunca foi superior a 15 mil.

Pique, mascote escolhido para a Copa do Mundo de 1986: sede caiu no colo dos mexicanos em virtude do caos na Colômbia

Existia, também, o medo de países da América do Sul boicotarem o torneio caso a sede escolhida fosse os Estados Unidos.

Aí entra a figura de Guillermo Cañedo. O diretor da rede Televisa e vice-presidente da entidade máxima do futebol foi o facilitador mexicano junto à organização.

Ele conseguiu persuadir Havelange e outros dirigentes que a repetição pelo México beneficiaria as finanças da Fifa, uma vez que os contratos de direitos televisivos das emissoras europeias estavam inflacionados.

No momento pós-desistência colombiana, Havelange voou para o México onde se encontrou com Cañedo — um dos primeiros executivos a votar pelo brasileiro para suceder Stanley Rous na presidência —, e com Emilio Azcarraga, dono da emissora. Esta reunião, narrada em *El Tigre: Emilio Azcarraga y Su Imperio Televisa*, foi essencial para a rejeição dos concorrentes.

Tanto é que nem mesmo a comitiva americana, liderada pelo ex-Secretário de Estado Henry Kissinger (e antigo negociador pelo tratado de paz entre Israel e Palestina), foi suficiente para convencer a Fifa.

Os EUA ainda levaram os ídolos do New York Cosmos, fizeram uma oferta maior que a dos mexicanos e já tinham mais de 14 estádios com capacidade mínima para 40 mil pessoas.

Para o Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, as "*políticas da entidade eram sujas*"; para a organização, o lucro e a utilização da maior parte dos estádios levantados ou reformados 16 anos antes colocavam o México como candidato principal.

A Fifa nem discutiu a possibilidade de trocar a sede quando, a oito meses da competição, o país foi atingido por um terremoto que matou aproximadamente 20 mil pessoas, deixou 150 mil desabrigadas e causou um prejuízo de 4 bilhões de dólares nos cofres públicos.

Apesar da fúria temporária dos EUA, a entidade fez algo parecido em 1962, quando manteve a Copa no Chile, depois de um terremoto monumental.

Por coincidência, tanto em 1978, quanto em 1986, com ou sem interferência do Cartel de Cali, a Argentina se sagrou campeã mundial.

Inglaterra '66: Geo

Questões políticas definiram os participantes do p
Mundial na terra da Rainha

Por Wladimir Dias

SÜDATLANTISCHER
OZEAN
Südlicher Wendekreis
Äquator
Golf von Guinea
Ascension (GB)
St. Helena (GB)
Tristan da Cunha (GB)
Gough (GB)
Bouvet Inseln (NO)
Kap der Guten Hoffnung
Kapstadt
Port Nolloth
Lüderitz
Swakopmund
Windhoek
Keetmanshoop
Gobabeb
Walvis Bay
Tsumeb
Grootfontein
Rundu
Katima Mulilo
Ondangwa
Oshakati
Opuwo
Ruacana
Mariental
Gaborone
Francistown
Maun
Kasane
Shakawe
Ghanzi
Kuito
Menongue
Lubango
Benguela
Huambo
Luanda
Dondo
Malanje
Saurimo
Cabinda (Ang)
Pointe-Noire
Brazzaville
Kinshasa
Boma
Matadi
Libreville
Port-Gentil
Lambaréné
Franceville
Mouila
Oyem
Tchibanga
Malabo
Bata
Yaoundé
Douala
Bamenda
Bafoussam
Ebolowa
Garoua
Maroua
Ngaoundéré
Bertoua
Kribi
Bangui
Mbaiki
Berberati
Bambari
Bangassou
Obo
Zemio
Ndjamena
Moundou
Abéché
Faya-Largeau
Sarh
Doba
Mongo
Abéché
Kano
Maiduguri
Jos
Ibadan
Lagos
Porto Novo
Lomé
Accra
Kumasi
Abidjan
Yamoussoukro
Bouaké
Monrovia
Freetown
Conakry
Bissau
Dakar
Banjul
Bamako
Niamey
Zinder
Agadez
Tamanrasset
Ouargla
Ghardaia
Tindouf
Bechar
Adrar
Tunis
Sfax
Gabes
Tripoli
Sirte
Benghazi
Tobruk
Kufra
Al Kufrah
Ajdabiya
Al Marj
Al Bayda
Sabha
Ghat
Murzuq
Al Qatrun
Ubari
Sebha
Al Jufrah
Sirte
Misrata
Zuwarah
Tripoli
Al Khums
Zawiyah
Gharyan
Nalut
Ghadames
Al Ajaylat
Al Bayda
Tobruk
Al Qubbah
Al Marj
Ajdabiya
Al Kufrah
Kufra
Sabha
Murzuq
Ghat

política e futebol

rimeiro

A Inglaterra é reconhecida como o país onde foi inventado o futebol. Apesar disso, a disputa da Copa do Mundo só chegou ao país em sua oitava edição.

Inicialmente, os *Three Lions* até diziam não ligar muito para o torneio, mas conforme aumentava a dimensão da disputa, esse desprezo foi deixado de lado.

Aliado a isso, estava também o fato de que, conforme os anos passavam, a nação ia perdendo gradualmente o posto de "país do futebol". No entanto, chegou o ano da graça de 1966 e, com ele, os ingleses finalmente receberam o campeonato, um tanto esvaziado, é verdade, mas que acabou recheado de polêmicas e questões de ordem geopolítica da mais profunda gravidade.

A década de 60, como um todo, foi palco de uma série de lutas por independências no continente africano. Aos poucos, a região foi se livrando das amarras dos seus conquistadores e buscando uma nova vida – a qual até hoje não encontrou.

Ainda assim, para a finalidade de reconstrução de identidades, as competições esportivas poderiam ajudar a devolver o orgulho dos povos desses países. No entanto, após tanto sofrimento, algumas situações não poderiam ser admitidas.

Depois de tantos anos subjugados, os países do Berço do Mundo não abaixariam a cabeça para algumas situações, nem sequer deixariam suas convicções de lado. Conforme observou o historiador Eric Hobsbawn, em A Era dos Extremos, "a última parte do século XX foi uma nova era de decomposição, incerteza e crise – e, com efeito, para grandes áreas do mundo, como a África [...] de catástrofe".

Apenas uma vaga

Em janeiro de 1964, quando já se sabia que a Copa do Mundo seria jogada na Terra da Rainha, a Fifa determinou que o torneio contou com 10 países europeus, quatro da América do Sul, um representante do restante da América e do Caribe e outro vindo de África, Ásia e Oceania. Isso mesmo.

Os países desses três continentes teriam que se matar para conquistar uma vaga no Mundial. Justo? Claro que não.

Afinal, um torneio que se propõe global jamais poderia se centrar apenas em Europa e América do Sul, por mais tradição que acumulassem as potências vindas dessas regiões. Mas a questão

não foi aceita inicialmente. Conforme relatos da BBC, o ganês Ohene Djan, membro do comitê executivo da Fifa, demonstrou sua insatisfação diante da situação. "*Países afro-asiáticos lutando contra duras e caras eliminatórias por uma vaga é patético e insano*", disse o dirigente.

Argumentos à parte, a entidade ignorou solenemente os apelos e manteve a determinação inicial. Para o jornalista e atual consultor da Confederação Africana de Futebol (CAF), Fikrou Kidane, o que se seguiu foi bem óbvio: uma reação de fácil compreensão e tomada sem maiores dores.

"*Era uma questão de prestígio. A maior parte do continente estava lutando por sua independência. A CAF tinha que defender os interesses e a dignidade da África*", afirmou Kidane.

A intenção era garantir ao menos uma vaga direta no Mundial para o continente africano. Diante da negativa, a decisão foi simples: sem vaga, sem seleções. A Copa do Mundo poderia até seguir em frente, mas não contaria com equipes da África. Pelo menos por mais quatro anos.

Ao olhar rapidamente o histórico de cada continente dentro da Copa do Mundo, chegamos a um fato um tanto alarmante: a primeira seleção africana a disputar um Mundial foi o Egito, na edição de 1934.

Depois disso, apenas em 1970 outro país do continente esteve entre os participantes, graças à presença de Marrocos. Desde então, tem sido comum ver mais de uma equipe africana na mesma edição. Quer dizer, ao menos no século XX. A Fifa só premiou a CAF com duas vagas a partir de 1982, na Copa da Espanha.

O número subiu para cinco em 1998, quando o formato do torneio aumentou para 32 nações. Em 2010, com a África do Sul como sede do primeiro mundial no continente (até isso demorou a acontecer), seis países da região estiveram presentes.

A priori, pode-se pensar que a África do Sul tinha mais força política do que Nigéria, Camarões e Marrocos, representantes mais frequentes em Copas. Mas não foi sempre assim, em virtude do embargo, resposta ao apartheid vigente.

"Área Branca": placa em praia sul-africana expõe a segregação racial contra os negros, realidade no país, de minoria branca, até o início dos anos 1990

África do Sul fora do baralho

O apelo africano também ressoou em outro assunto. A CAF foi a primeira organização que conseguiu unir alguns dos países do continente para defender interesses em comum.

Nesse sentido, obviamente, não foi admitida a entrada da África do Sul nos quadros da entidade. Eram tempos de apartheid e os países que lutaram tanto por sua independência não poderiam figurar lado a lado com uma nação marcada pelo região de discriminação racial.

Esse acabou sendo outro ponto de ruptura entre CAF e Fifa. Em 1954, esta havia admitido a associação dos sul-africanos.

Expulsou-os, porém, em 1961 para trazê-los de volta dois anos mais tarde, sob a surreal promessa de que o país se apresentaria em 1966 com um time composto, exclusivamente, por brancos e na competição sequente, no México, com um elenco todo negro.

Surpreendentemente (ou não), esse argumento foi suficiente para afrouxar o banimento anterior, entretanto, acabou sendo mais um motivo pelo qual os africanos deixaram a Copa do Mundo de lado.

Tentando evitar a debandada geral dos países do continente, a África do Sul foi novamente suspensa pela Fifa,

em 1964, mas havia mais questões em jogo, além de um desgaste crescente e convicções inabaláveis.

A entidade máxima nadou conforme a maré, sem definições, posicionamentos e sem agir com a necessária diplomacia e acabou vendo os países africanos ignorarem a competição. Em última instância, o apelo africano acabou funcionando e, em 1970, africanos e asiáticos conquistaram uma vaga para cada. Muito pouco.

Quanto à África do Sul, a suspensão durou por mais seis anos, quando, finalmente, os *Bafana Bafana* foram expulsos da Fifa, voltando apenas em 1991, com o final do Apartheid.

A dualidade coreana

Sem a presença dos países africanos, as eliminatórias seriam disputadas por apenas um grupo de quatro países: Coreia do Sul, Coreia do Norte, Austrália e África do Sul.

No entanto, logo o quarteto virou trio com a suspensão da última e a trinca passou a ser uma dupla, uma vez que os sul-coreanos também saíram da disputa. Os jogos deveriam disputados no Japão, mas acabaram sendo levados ao Camboja.

Vale lembrar que as Coreias haviam sido divididas em 1945. O sul tendendo para o lado norte-americano da Guerra Fria e o norte para o soviético. Nesse sentido, é importante também trazer a lembrança de que "uma vasta e nova

Norte-coreanos comemoram em campo após vencerem a Itália em 1966

extensão da futura região socialista se dava no Extremo Oriente, com a transferência do poder para regimes comunistas na China (1949), e, em parte, na Coreia (1945) e no que fora a Indochina francesa (Vietnã, Laos, Camboja), no curso da guerra de 30 anos (1945-1975)", como escreveu Hobsbawm. Assim, a Coreia do Sul se recusou a ir ao Camboja e também abandonou a disputa.

Uma eliminatória que deveria ser disputada por países africanos, asiáticos e da Oceania acabou sendo representada apenas por Coreia do Norte e Austrália.

Os jogos entre norte-coreanos e australianos aconteceram, de fato, no Camboja e os socceroos acabaram sendo atropelados. A Coreia do Norte venceu o primeiro jogo por 6 a 1 e o seguinte por 3 a 1.

O país foi à Inglaterra e fez uma boa competição, mas essa é outra história.

Por Felipe Portes

Money for nothing

O dinheiro fal
africanas, gera
federações dura

a, e no caso de algumas das seleções
atritos irreversíveis entre jogadores e
ante a Copa do Mundo

Camarões e Croácia jogam pela segunda rodada do grupo A da Copa do Mundo de 2014. Os croatas venciam por 1 a 0, até que, aos 40 minutos do primeiro tempo, um acontecimento bizarro explode no gramado em Manaus: Alexander Song (foto) acerta um soco nas costas de Mario Mandzukic, depois de notar que não alcançaria o rival.

Expulso sem qualquer discussão, Song entraria para a história dos Mundiais como mais um camaronês a deixar uma partida mais cedo, mas a atitude intempestiva do atleta, então no Barcelona, não remete aos violentos choques como o de Benjamin Massing, em 1990, tampouco às duas vezes em que o seu primo, Rigobert Song, foi para o chuveiro em Copas diferentes.

Não era uma questão de "inocência", como muitos acusam até hoje as seleções africanas, nem de força excessiva. Song, ao atingir Mandzukic, abria precedente para uma investigação que há muito não se via em períodos de Copas do Mundo: o de manipulação de resultados.

No dia seguinte ao jogo entre Camarões e Croácia, que terminou 4 a 0 para os axadrezados, veio à tona a acusação de que um apostador de Singapura havia previsto o resultado exato e uma expulsão pelo lado africano. Seria uma grande coincidência se o soco de Song não fosse uma obra grotesca e intencional.

Nenhum envolvimento do volante com o apostador foi comprovado e o episódio acabou perdido entre tantos. Mas as notícias sobre a seleção de Camarões às vésperas da estreia na Copa preocupavam por outros motivos.

Em virtude de uma divergência financeira entre a Federação Camaronesa (Fecafoot) e os jogadores, foi atrasado o embarque para o Brasil. Uma ameaça de greve tumultuou a preparação da equipe para o Mundial e teve efeito devastador no desempenho do país, que perdeu as três partidas disputadas na fase de grupos.

Não foi a primeira e nem será a última vez que uma federação entrou em rota de colisão com seus atletas por não pagar o que o grupo acha justo pela participação.

Afinal de contas, a Copa do Mundo é um evento que por si só traz enorme projeção para qualquer nação e a dificuldade de classificação exige uma recompensa à altura. O histórico de desavenças internas e financeiras em Camarões começou em 2002 e se repetiu em 2014, antes do Mundial, e explodiu pela última vez em 2017, durante a Copa Africana de Nações.

Os Leões Indomáveis chegaram até a final do torneio e venceu os egípcios. Em agosto do mesmo ano, a FIFA precisou intervir para acabar com as disputas em torno do "bicho" pago em grandes competições.

Em 2013, o presidente da Fecafoot, Iya Mohammed, foi reeleito ao cargo, mesmo

estando preso. Como o governo nacional se envolveu na questão, a Fifa ameaçou banir o país de competições internacionais.

O Ministério do Esporte recuou e se afastou da polêmica na eleição da Fecafoot, diminuindo um pouco o incêndio. A crise se desdobrou mesmo com a alta frequência de participação em Copas e com os três títulos continentais conquistados em 2000, 2002 e 2017.

Desde 1990, apenas em 2006 e 2018 os Leões Indomáveis ficaram de fora do Mundial, o que não deveria causar tanto desequilíbrio econômico.

Quem dera se esse fosse o único impasse de seleções africanas em sua rica história em Copas do Mundo. Tivemos outros casos célebres, não só na questão do bicho.

Alguns países, como a Nigéria, ficaram famosos em adulterar idades de seus atletas jovens, outros, como a República Democrática do Congo (antigo Zaire), foram prejudicados pelas violações aos Direitos Humanos por parte de seus ditadores. A corrupção tem sido um enorme obstáculo na trajetória dos africanos dentro do maior torneio do planeta. E isso parece estar longe de uma mudança para melhor.

Togo e a ganância

Falamos muito sobre disputas em torno de bonificações ou prêmios, mas esse tipo de picuinha não é exclusividade de Camarões, notoriamente a maior potência africana na história das Copas.

Togo viveu história semelhante em 2006, quando estreou no Mundial da Alemanha.

Emmanuel Adebayor

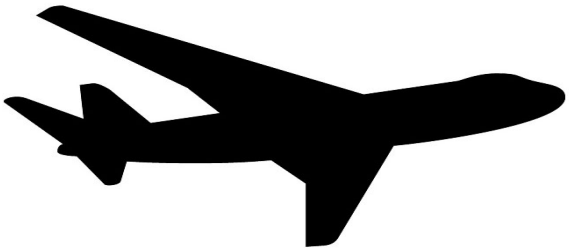
A seleção liderada pelo atacante Emmanuel Adebayor também voltou para casa mais cedo, atormentada por problemas de ordem financeira, uma realidade muito comum para equipes vindas de um continente historicamente pobre.

Diferentemente da rusga camaronesa, os togoleses talvez estivessem contrariando até mesmo a realidade do próprio país. Em 2006, os jogadores requisitaram um bônus de 200 mil dólares da Federação (FTF) cada pela classificação ao Mundial e mais 40 mil dólares em caso de vitória. Naquele período, o togolês médio recebia um dólar por dia.

Refém da situação, a FTF foi obrigada a sanar a dívida rapidamente, sob sérias ameaças de greve. O desfecho não foi feliz para nenhum dos lados: Togo caiu na primeira fase, com três derrotas.

A discrepância no pagamento para jogadores e compatriotas comuns, evidente num esporte de massa como o futebol, gerou certa indignação popular.

Ao mesmo tempo, sabe-se que as famílias desses atletas também dependem dessa oportunidade única para deixar cenários de pobreza, fome e desesperança.



Transferência por avião

Gana participou de três edições de Copas seguidas, entre 2006 e 2014, se classificando para a fase final em duas delas. A terra de Michael Essien, Asamoah Gyan e outros astros,, no entanto, também é reconhecida no mundo do futebol por sua conduta bizarra em relação ao dinheiro. Nos três mundiais, a federação local enviou premiações em dólares para os atletas em aviões fretados.

O que pode parecer bizarro para nós, é corriqueiro para os ganeses, que admitiram utilizar essa forma de transporte da grana em 2014. A explicação? Muitos jogadores da seleção não tinham contas em bancos do país.

Se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé. No entanto, a demora no envio do montante irritou os atletas, que fizeram um motim. A ameaça de greve foi resolvida com um bônus pago pelo presidente de Gana – ou "resolvida": mesmo com a conta no azul, Gana não passou da primeira fase em um grupo com Estados Unidos, Alemanha e Portugal.

A Fifa, claro, se posicionou contra a medida e anunciou que aquela seria a última vez. Meses depois, em 2015, descobriu-se que os dirigentes da ilibada entidade suíça estavam sujos até o pescoço em subornos e compra de votos para eleição de sedes da competição internacional. O que seria um bicho pago por via aérea comparado à corrupção no processo de seleção de um país para receber o Mundial?

Com ou sem moral, a entidade impõe suas punições severas quando deve, para manter o mínimo de lisura na modalidade. Mas essa questão de premiação talvez esteja além do alcance da dona da Copa do Mundo.

Ao que depender das federações africanas, seja em Camarões, Togo ou Nigéria, o dinheiro sempre vai ser motivo para desavença e qualquer reclamação do grupo de jogadores será válida, tendo em vista que eles são os grandes responsáveis pela imagem positiva de seus países mundo afora.

Gatos, greves e a luz no fim do túnel

A Nigéria entregou times interessantes para o futebol no fim da década de 1990 e início dos anos 2000. Impulsionada por jogadores de alto nível como Jay-Jay Okocha, Nwankwo Kanu, Taribo West, Sunday Oliseh e Finidi George, a seleção tricampeã africana participa regularmente dos Mundiais desde 1994. Foi apenas uma ausência nesse período, em 2006.

Assim como suas conterrâneas, a Nigéria já teve problemas de premiação antes de uma competição. Na Copa das Confederações, em 2013, as Águias Verdes chegaram em cima da hora ao Brasil, em protesto ao atraso no pagamento por parte da federação (NFF).

No Mundial, já nas oitavas de final contra a França, um boicote aos treinamentos foi a maneira encontrada pelo elenco para exigir os pagamentos que foram prometidos.

O episódio serviu como divisor de águas na relação entre os atletas e a entidade local. Foi proposta pela NFF a criação de uma espécie de código de conduta para evitar uma greve, ainda no mesmo ano.

Não funcionou. A luz no fim do túnel, contudo, se acendeu em 2017, quando dirigentes e jogadores se acertaram com antecedência para deixar tudo de forma transparente até a Copa na Rússia. Um movimento inédito contra a corrente das promessas vazias feitas por dirigentes.

O capitão dos Águias, John Obi Mikel, que atualmente defende o Tianjin Teda, da China, afirmou que está muito satisfeito com o avanço nas tratativas e que em nenhum outro momento de sua carreira internacional havia visto um acordo tão claro com a NFF. Tendência para os próximos anos ou ponto fora da curva no continente?

Quando falamos em futebol na Nigéria, é indispensável citar também o longo histórico de fraude nas documentações de jogadores no país.

Por mais de vinte anos, a NFF negligenciou propositadamente a fiscalização em cima de jogadores com idade adulterada. A prática, muito comum em competições juvenis, facilitou a conquista de cinco títulos mundiais na categoria sub-17, um recorde histórico. Em 1988, a Fifa baniu os nigerianos de todos os seus torneios por dois anos, com a alegação de que havia encontrado irregularidades na idade de três jogadores.

A lição não foi aprendida. No Mundial Sub-20 de 2009, porém, por conta de exames físicos mais rigorosos, a Nigéria teve de cortar quinze atletas do elenco. A ciência teve papel crucial para desbancar a farsa: análises ósseas comprovaram que os jogadores não eram tão novos quanto alegavam.

O ex-presidente da Federação Nigeriana, Anthony Kojo Williams, assumiu publicamente que a sua entidade trapaceou por muitos anos para lançar equipes vencedoras em torneios de base, embora reconhecesse que isso prejudicava demais as verdadeiras promessas antes do profissionalismo.

Não é demais lembrar que Kanu, West, Okocha e Obafemi Martins, celebridades nigerianas e com históricos vencedores na Europa, tiveram suas carreiras questionadas depois da aposentadoria. Quantos anos eles realmente tinham no auge? E por que entraram tão rapidamente em decadência, antes mesmo de completar três décadas de vida?

Okocha, por exemplo, estourou para o mundo no Eintracht Frankfurt, às vésperas de completar 20 anos. E não durou muito mais do que cinco ou seis temporadas em alto nível. Aos 29, quando deixou o PSG, o meio-campista (nascido em 1973) era um jogador completamente diferente, menos insinuante e sem imposição física. Um astro

que declinou cedo demais, sem qualquer histórico de lesões graves ou indisciplina extra-campo.

West, que nasceu um ano depois de Okocha (ao menos é o que dizem suas biografias), teve sua última grande fase após a Copa de 1998, quando defendia a Internazionale.

O lateral assinou com o Milan no biênio seguinte, mas iniciava ali uma verdadeira peregrinação por clubes menores da Europa. É mesmo muito estranho que um jogador saudável de apenas 26 anos não consiga mais render o esperado.

Carreiras brilhantes que minguaram antes mesmo da faixa dos 30 anos. Mistérios que corroboram a teoria de adulterações sistemáticas na Nigéria, mas que dificilmente virão à público em curto prazo. Não saberemos por agora se Okocha ou West tinham mais de 40 anos quando alegavam ter 26 ou 27. A suspeita, justificada, permanecerá viva.

O dinheiro nem sempre foi o único problema

A história do Zaire, atual República Democrática do Congo, em 1974 não necessariamente gira em torno das finanças. A polêmica que atormentou o elenco na viagem à Alemanha foi uma ameaça de tortura.

Houve desvio de dinheiro, sim, mas o mais grave foi a pressão governamental por resultados que, por si só, eram surreais diante do grupo que o Zaire foi sorteado para aquela disputa ao lado de Brasil, Escócia e Iugoslávia.

O ditador Joseph Mobutu não cumpriu com a sua palavra em nenhuma ocasião antes ou depois do Mundial. Promessas de presentes, prêmios em dinheiro e até propriedades luxuosas no país foram descumpridas pelo ditador. Olhando pelo lado positivo, parecia um gesto caridoso do milionário chefe de estado.

Por outro viés, caso perdessem por mais de quatro gols do Brasil, na última rodada, os bravos representantes do Zaire não teriam mais direito de voltar para casa.

Isso colaborou bastante para um lance icônico: Joseph Mwepu Ilunga, em uma falta anotada a favor da Seleção, chocou o mundo ao se adiantar na barreira e dar um chutão na bola, de propósito.

O protesto, em qualquer ocasião, resultaria na sua expulsão, mas o árbitro acabou sendo leniente e mostrou apenas um cartão amarelo. Ilunga, sozinho, tentava ser a resistência contra as forças obscuras de seu ditador. Sese Seko, aliás, já havia quebrado o espírito de seus jogadores muito antes.

O elenco do Zaire que tentou combater seus rivais na primeira fase não tinha chance alguma perante a concorrência. E ainda seria culpado por um suposto fracasso. O resultado final, de três derrotas, foi algo perfeitamente normal, dado o abismo técnico entre os zairenses e os demais participantes.

O líder de estado, que participou do golpe ao presidente nacionalista Patrice Lumumba, assassinado em 1960, esperou cinco anos à frente do exército até efetivamente comandar o país entre 1965 e 97, ganhando fama internacional por sua conduta extravagante, casos de corrupção evidente e crimes de guerra.

Estabelecido como membro célebre das forças militares congolesas, o chefe do regime totalitário no Zaire iniciou uma campanha pró-África que envolvia a opressão da identidade europeia dentro da sua nação. Aparentemente, Mobutu se esqueceu que o terror costuma ter desdobramentos negativos no futebol.

Ignorando completamente as dificuldades e o respeito aos profissionais que levaram a nação à sua única aparição em Copas, ele contribuiu bastante para que o Zaire se transformasse em motivo de piada, tanto tempo depois daquele Mundial.

Para quem tanto se preocupava com a imagem que a África estava transmitindo ao mundo, enriquecer rapidamente de forma ilícita e promover absurdos em nome do nacionalismo soava um tanto quanto incoerente com o seu maior objetivo.

Caminhamos, por fim, para um desfecho positivo no campo de divergências entre jogadores e suas entidades gestoras. A Fifa exigirá, a partir de 2018, um documento assinado por ambas as partes, garantindo que houve acordo para o pagamento de premiações e bônus, previamente quitados antes da estreia no Mundial.

Não será mais aceito pela FIFA qualquer espécie de parcelamento ou de pagamento após a Copa. A decisão, anunciada em outubro de 2017, surge como uma última instância para combater greves e rebeliões internas durante o Mundial.

Espera-se que, nesses termos, crises extra-campo não afetem mais o desempenho das equipes. O trabalho de limpeza moral feito pela FIFA após os escândalos de 2015 é visível.

E isso já teve impacto na própria arrecadação e distribuição de verbas para a edição de 2018 da Copa: um aumento de 12% na premiação geral está previsto para a Rússia, alcançando a marca de 400 milhões de dólares em bônus. No Brasil, em 2014, apenas 358 milhões de dólares foram distribuídos entre as 32 seleções qualificadas.

Questões nacionais

Os craques que tentaram entrar para a história das Copas defendendo outras nações

Por Wladimir Dias

O dicionário Houaiss define o conceito de naturalização como o "*ato pelo qual um indivíduo se torna legalmente cidadão de um país em que não nasceu, perdendo sua nacionalidade de origem*".

A descrição não esclarece muito, não elenca motivos, padrões ou regras. No entanto, ajuda a entender o que aconteceu durante muitos anos no futebol. Não foram poucos os casos de jogadores que envergaram camisas de mais de um país.

Sem nenhuma limitação da Fifa, bastava ter o passaporte de qualquer nação para defendê-lo nos cenário esportivo internacional.

Os oriundi de 34

A primeira vez em que a bola rolou na história das Copas do Mundo aconteceu em 1930. O capítulo inicial aconteceu no Uruguai e contou com treze equipes. Naquele ano, a final foi disputada pelos rivais do Rio da Prata e os anfitriões levaram o título para casa.

No entanto, a derrotada Argentina fez bonito no torneio, terminando-o com o melhor ataque do campeonato. Aquele time havia sofrido um golpe duro pouco tempo antes da competição e voltou a sofrer outros depois.

O sucesso da Albiceleste no final da década anterior, com o título da Copa América de 1927 e dos Jogos Olímpicos de 1928, fez com que o mundo notasse que o país havia se desenvolvido enormemente em termos futebolísticos e que havia atletas cuja qualidade tinha lugar no Velho Continente.

Assim, aproveitando-se das boas condições financeiras e da forte ligação desenvolvida com a Argentina, a Itália foi atrás do talento dos oriundi, os descendentes de seus imigrantes. O precursor terá sido Raimundo Orsi, talvez o primeiro astro de uma grande linhagem revelada pelo Independiente.

Em 1928, o atacante foi negociado com a Juventus; receberia oito mil liras semanais, além de um bônus no ato da assinatura de seu contrato no valor de cem mil liras e um Fiat 509, como relatou o jornalista Jonathan Wilson, em *Angels With Dirty Faces*.

Após a Copa do Mundo, outro que chamou a atenção foi o talentoso meia Luis Monti, o regente da esquadra argentina. O ídolo do San Lorenzo foi mais um que assinou com a Velha Senhora, da qual chegou a ser até mesmo o capitão.

Em 1931, Atillio Demaría, atacante do Gimnasia de La Plata, seguiu para a Inter e, três anos mais tarde, foi a vez do jovem Enrique Guaita, então com 23 anos, trocar o Estudiantes pela Roma. Juntos, representaram a Seleção Italiana no Mundial de 1934, na condição de anfitriões e sob as pressões do regime de Benito Mussolini pela conquista do título.

Além deles, esteve também presente o ítalo-brasileiro Filó, que trocara o Corinthians pela Lazio, participando da histórica Brasilazio, ao lado de Ninão, Nininho e Niginho, os Fantoni, procedentes do Cruzeiro (então Palestra Itália).

Durante a competição internacional, o treinador italiano, Vittorio Pozzo, foi criticado por suas escolhas. Porém,

ao argumento de que "*se podem morrer pela Itália, podem jogar pela Itália*", persuadiu seus antagonistas do contrário.

Até que ponto de fato havia disposição para "morrer pela Itália", não é possível saber. Certo é que Orsi e Guaita voltaram a vestir a camisa da Argentina, depois de deixar a Bota – o primeiro em 1936 e o segundo um ano depois; Demaría teve um breve retorno ao país de origem, mas viveu seus últimos dias de futebol no Belpaese; e Monti terminou sua trajetória com a camisa da Juventus – o que pode explicar os motivos pelos quais nunca mais envergou o manto albiceleste.

A miscelânea espanhola de 1962

Em 1962, a Copa dos Campeões da Europa já havia se estabelecido como a principal competição de clubes do continente. E o Real Madrid se tornara o mais vitorioso clube da região.

Falar do time merengue era o mesmo que, automaticamente, pensar em coisas sobrenaturais, lances mágicos, dribles, gols, festa. Não era para menos: o clube contava com uma constelação de craques, que englobava o nacional Paco Gento, o argentino Alfredo Di Stéfano, o uruguaio José Santamaría e o húngaro Ferenc Puskás.

Apesar disso, a seleção espanhola não gozava do mesmo estatuto ou sorte. Nunca foi desprezada, contudo, também não era vista como uma potência. Seus resultados mais expressivos haviam sido a medalha de prata nas Olimpíadas de 1920 e o quarto lugar na Copa do Mundo no Brasil. Assim sendo, por que não aproveitar o que havia de melhor no país? Foi então que, em 1957, Di Stéfano fez sua estreia pela Fúria.

Em seu primeiro jogo, completou um ataque que já não era integralmente espanhol, porque além de Gento e Luis Suárez, estava presente László Kubala, húngaro de nascimento, que fugira do regime comunista e, depois de um ano de suspensão da Fifa (que atendeu apelos vindos do governo de seu país), assinara pelo Barcelona.

O fato é que, anteriormente, o gênio do Real já havia representado sua pátria-mãe na Copa América de 1947. Dois anos depois, ele assinou com o Millonarios. A mudança foi controversa, uma vez que a Liga Pirata da Colômbia não era reconhecida pela Fifa, e o Saeta Rubia chegou a defender a seleção cafetera.

Como a entidade havia banido o país das competições, uma vez que seus clubes estavam convencendo atletas a deixarem seus times anteriores sem o consentimento destes, as quatro convocações não foram legalmente "realizadas" perante a entidade.

Di Stéfano acabou sendo por muitos anos o maior artilheiro da Espanha, com 23 tentos anotados em 31 jogos. Sua trajetória também ajuda a explicar os motivos pelos quais, a despeito de toda a sua categoria, não é tão reverenciado pelo público argentino, como Diego Maradona, ou, em graduação um pouco menor, Lionel Messi.

Situação parecida foi vivida pelo zagueiro Santamaría. Referência da retaguarda do Nacional, de Montevidéu, acabou vendido ao Madrid em 1957 e, um ano depois, já vestia a camisa

da Seleção Espanhola, ainda que guardasse um passado com a Celeste Olímpica. Por mais que tais trajetórias sugiram algum tipo de oportunismo, ou até mesmo falta de amor à pátria, as próprias nações que perdiam seus craques muitas das vezes acabavam lhes virando as costas, como aconteceu com o brasileiro Evaristo de Macedo, que deixou de ser convocado quando trocou o Flamengo pelo Barcelona.

O exílio de Puskas

"*Ferenc Puskás não apenas jogou futebol, ele o inventou*". Foi assim que o jornalista Péter Esterházy descreveu o craque certa vez à Champions Magazine. O próprio título da matéria já denunciava o fato de que o jogador foi alguém incomum: "Ferenc Puskás: rebel, exile and genius" ("*Ferenc Puskás: rebelde, exilado e gênio*", em tradução literal).

Não há o que comentar a respeito das qualidades do húngaro como atleta. É sabido que existe um lugar para ele no rol dos melhores de sempre. No entanto, o atacante foi muito mais do que um mestre da bola.

Em 1948, o regime socialista havia se instalado em seu país. As condições de vida no pós-guerra não eram fáceis e após a morte de Josef Stalin, em 1953, começaram a se organizar lideranças reformistas na região.

O ano era 1956 quando os magiares viveram a Revolução Húngara, duramente reprimida pelo exército soviético. Na ocasião, Puskás representava as cores rubro-negras do Budapest Hónved, que disputava a Copa dos Campeões da Europa.

Era jogada a primeira fase a competição e o time teria pela frente os tradicionais bascos do Athletic. Na partida de ida, o Bilbao venceu em casa por 3 a 2. Diante do contexto da época, foi impossível fazer a volta em Budapeste.

Em Bruxelas, um empate por 3 a 3 mandou o Hónved de volta para casa; o jogo aconteceu em dezembro e o exército da URSS chegara à capital húngara em novembro.

Diante disso, alguns de seus ícones escolheram permanecer longe de suas origens. Optaram pelo exílio. Entre eles estava o magiar, que acabou partindo para o Real Madrid (após um banimento de 18 meses), depois de participar de uma série de partidas de exibição mundo afora, que não foram reconhecidas nem pela Fifa e muito menos pela Federação Húngara. Foi considerado, então, um desertor.

O astro permaneceu debaixo do olho do governo húngaro, que o investigou até 1963, acabou fazendo da Espanha sua casa e empilhou títulos com a camisa branca.

Se o governo húngaro lhe obrigou a virar as costas para seu país, o espanhol lhe estendeu o tapete vermelho, ou melhor, lhe entregou a nacionalidade para que pudesse se vestir de *rojo*. Puskás trajou a vestimenta da Fúria em quatro ocasiões, três delas durante a Copa do Mundo de 1962.

Mudança de cenário

Muitos foram os outros casos de atletas que vestiram mais de uma camisa nacional. Era possível. Não

havia restrições, desde que o atleta se naturalizasse. Foi assim que Kubala representou a Tchecoslováquia (para fugir do serviço militar obrigatório), para depois jogar pela Hungria e, mais tarde, quando já era jogador do Barcelona, envergar o manto espanhol.

Em 2004, a Fifa determinou que os jogadores só poderiam representar uma seleção, independentemente do número de nacionalidades que possam ter. A partir do primeiro jogo oficial, no nível profissional, o atleta não pode mais mudar de país.

Houve também o caso do ítalo-argentino Omar Sívori, nos anos 50 e 60, e de Alberto Spencer, craque do Peñarol, que esteve em campo por Equador e Uruguai ao longo de sua carreira internacional.

Aos poucos, os países pararam de ignorar em suas convocações os jogadores que se mudaram para o estrangeiro. Assim, os casos de representação de mais de uma seleção diminuíram drasticamente.

O que não impediu, claro, que se pensasse em hipóteses esdrúxulas, como aquela em que Michel Platini atuou durante 20 minutos pelo Kuwait, em 1988, a convite do emir do país.

Pôs-se um fim à desordem que sempre fora permitida. O que não impediu que Diego Costa (foto) jogasse dois amistosos pelo Brasil antes de se naturalizar como cidadão espanhol, em 2013. O atacante foi titular na Copa de 2014 pela Fúria.

Ficaram determinados alguns critérios e, para dar o benefício da dúvida aos jovens, ainda se permite que nas competições de base os atletas possam alternar entre equipes.

Foi esse o caso, por exemplo, do brasileiro Rafinha Alcântara, que chegou a defender equipes juvenis da Espanha, mas voltou atrás em 2015, para poder ser convocado pelo Brasil, então treinado por Dunga.

19
09
PLUS
ULTRA

medium.co

m/relvado